



# APRURAM

**Produção, Beneficiamento e Comercialização  
dos Produtos de Sistemas Agroflorestais**

## **Presidência da República**

Presidente: Luiz Inácio Lula da Silva

Vice-presidente: José Alencar Gomes da Silva

## **Ministério do Meio Ambiente**

Ministra: Marina Silva

## **Secretaria de Coordenação da Amazônia**

Secretária: Muriel Saragoussi

## **Secretaria de Políticas para o Desenvolvimento Sustentável**

Secretário: Gilney Viana

## **Departamento de Agroextrativismo e Desenvolvimento Sustentável**

Diretor: Jorg Zimmermann

## **Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais**

Coordenadora: Nazaré Soares

### Catálogo na Fonte

Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

---

A849 APRURAM – produção, beneficiamento e comercialização dos produtos de sistemas agroflorestais / SDS/PDA/PPG7 – Brasília: MMA, 2006.  
68 p. : il. color. ; 28cm. (Série Sistematização, V)

ISBN 85-7738-033-5

I. Agricultura sustentável. 2. Agroecologia. I. Ministério do Meio Ambiente.  
II. Secretaria de Desenvolvimento Sustentado – SDS. III. Subprograma Projetos  
Demonstrativos – PDA. IV. Associação dos Produtores Rurais Rolimourense para Ajuda  
Mútua – APRURAM. V. Título. VI. Série.

---

CDU (2.ed.)631:502





## EXPEDIENTE

### Subprograma Projetos Demonstrativos - PDA

**Secretário Técnico:** Jorg Zimmermann.

**Secretária Técnica Adjunta:** Anna Cecília Cortines.

**Equipe Técnica:** Demóstenes Moraes, Elmar Andrade de Castro, Isis Lustosa, Klinton Senra, Maurício Barbosa Muniz, Odair Scatolini, Rodrigo Noletto, Silvana Bastos e Zará Brum. Estagiárias: Rafaela Silva de Carvalho e Yandra Fontes Bastos.

**Equipe Financeira:** Claudia Alves e Nilson Nogueira.

**Equipe Administrativa:** Eduardo Ganzer, Francisca Kalidaza, Mariza Gontijo Esteves e Neide Castro.

**Cooperação Técnica Alemã - GTZ:** Margot Gaebler e Monika Grossmann.

**Cooperação Financeira:** República Federal da Alemanha - KfW, União Europeia - CEC, Rain Forest Trust Fund - RFT, Fundo Francês para o Meio Ambiente Mundial - FFEM.

**Cooperação Técnica:** Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD, Projeto BRA/03/009. Agência Alemã de Cooperação Técnica, Deutsche Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit (GTZ).

**Agente Financeiro:** Banco do Brasil

### Apruram

**Presidência:** Aparecido da Silva

**Vice-presidência:** Adélcio Becker Jacinto

**Secretário:** Manoel Alves Pessoa

**Vice-secretário:** Benvindo Firmino da Silva

**Tesoureiro:** Airton Jacinto

**Vice-Tesoureiro:** José de Assis Alves

**Equipe de sistematização da Apruram:** Adélcio Becker Jacinto e Marinete da Silva (coordenadores), Landoaldo Soares Faroni (digitação), Aparecido da Silva (acompanhamento)

**Colaboradores:** Associação e filiadas

**Equipe de sistematização do MMA:** Anna Cecília Cortines, Célia Chaves, Gilberto Nagata, Mara Vanessa F. Dutra (PDA); Denise Lima (GTZ/PDA); Alice Guimarães (AMA/Programa Piloto)

**Elaboração do primeiro texto:** Marinete da Silva com colaboração de Adélcio Becker Jacinto e Aparecido da Silva.

**Elaboração do segundo texto e edição:**

Mara Vanessa F. Dutra

**Consultoras:** Elza Falkembach (Universidade de Ijuí), Ladjane Ramos e Maristela Bernardo.

**Transcrição de fitas:** Beatriz de Souza Lima

**Revisão ortográfica e gramatical:**

Roberto Harfush Midlej e Sandra Regina de Sena

**Projeto Gráfico e capa:** Masanori Ohashy (Idade da Pedra Produções Gráficas)

**Fotos:** Alysson Alves da Silva, acervo Apruram e acervo PDA.

**Esta publicação foi realizada com a colaboração da Cooperação Técnica Alemã - GTZ**

# Apresentação

Apresentamos, por meio desta série, algumas histórias que falam de saberes, de vidas, de gente construindo formas mais sustentáveis de convivência com o meio ambiente. Essas histórias contam com o apoio do Subprograma Projetos Demonstrativos (PDA), parte do Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil, do Ministério do Meio Ambiente.

Ao longo de seus dez anos de vida, o PDA apoiou e apóia cerca de 320 projetos na Amazônia e na Mata Atlântica. A história do PDA — as histórias dos projetos apoiados pelo Subprograma — tem demonstrado que há um acúmulo de conhecimento sendo gerado pelas comunidades e organizações de produtores familiares, criando e testando novas tecnologias e sistemas de produção sustentável. Há um saudável diálogo entre conhecimento tradicional e novas informações, apontando perspectivas viáveis que, em alguns casos, já saem do limite do “demonstrativo” e passam a fazer parte de políticas públicas locais e regionais. Importante lembrar que, o que para o poder público é valorizado por seu potencial demonstrativo, para os produtores e comunidades envolvidos é a vida real — sua vida, sua sobrevivência.

As histórias desta série são narradas pelos próprios grupos envolvidos nos projetos apoiados pelo PDA. As narrativas são resultado de um processo de sistematização de experiências, cujo desafio maior é aprender com as práticas, fazendo, destas, objeto de conhecimento. Em um projeto piloto realizado entre julho de 2003 e março de 2004, onze iniciativas apoiadas pelo PDA sistematizaram alguns aspectos de suas práticas. O resultado são onze histórias reais, contadas por muitas vozes, tecendo narrativas cheias de vida, reflexão, descobertas, aprendizados.

Cada grupo ou comunidade contou sua história de seu jeito. Para isso, criou momentos e instrumentos, experimentou metodologias, fez caminho ao andar. Os textos da série revelam essa experimentação metodológica, mantendo as estruturas e narrativas criadas por cada grupo envolvido. Como na vida, os textos das sistematizações não seguem um único roteiro, mas inventam seus próprios mapas narrativos.

O PDA com alegria apresenta essas histórias de saberes, de gentes, de vidas, com o desejo de estar contribuindo para demonstrar caminhos possíveis para políticas públicas mais adequadas à produção familiar, às comunidades tradicionais e ao meio ambiente.

## Jorg Zimmermann

Secretário Técnico PDA

Brasília, outubro de 2006

# Sumário



Introdução .....	6
Contexto .....	10
■ Notícias sobre a colonização de Rondônia .....	11
■ “Um tropeço de gente” .....	11
A necessidade de se organizar .....	12
■ O surgimento das associações .....	12
■ Como e porque nasceu a Apruram .....	16
Primeiros passos e conquistas da Central .....	18
■ Avançando na comercialização: uma grande dificuldade e uma grande vitória .....	19
■ Apoiando a produção, o beneficiamento e a comercialização com foco no café .....	20
■ Tornando-se reguladora do preço do café: respeito é bom e a gente gosta! .....	22
■ Dificuldades e tropeços do início .....	23
Começando a mudar: como a proposta de sistemas agroflorestais surgiu e se consolidou .....	24
■ Escrevendo o projeto: foco nas necessidades dos produtores e das famílias .....	25
■ A implantação dos sistemas agroflorestais .....	28
■ Produção e distribuição de mudas .....	29
■ Iniciando a fábrica de polpas .....	31





■ O papel das mulheres e dos jovens .....	32
■ Educação ambiental e orientação para a produção sustentável .....	35
■ Assistência técnica, experimentação e intercâmbio .....	36
<b>O que mudou .....</b>	<b>38</b>
■ Planejamento da propriedade com diversificação: segurança .....	40
■ Ficando na terra, conquistando sonhos e criando um espaço melhor para se viver .....	42
■ Integração da família .....	43
■ Protegendo o meio ambiente .....	44
■ Protegendo a saúde: fora com os agrotóxicos! .....	47
■ Fartura: diversidade também na mesa .....	49
■ Renda e outros ganhos econômicos .....	49
<b>Comercialização .....</b>	<b>52</b>
■ Qualidade da produção e visão de mercado .....	53
■ A crise do café e a mudança do foco da comercialização .....	54
■ Produtores trabalhando em prol de produtores: a base da confiança .....	55
■ Todos juntos somos fortes! .....	56
<b>Conclusões, aprendizados e recomendações .....</b>	<b>58</b>
■ O trabalho com não-sócios .....	59
■ Observando as mudanças, tirando lições e encarando os desafios .....	60
■ Recomendações para quem quiser seguir um caminho como o nosso .....	63



**Anexos** ..... 67

- **Associações filiadas e que participaram da sistematização** ..... 67
- **Pessoas que deram depoimentos nas reuniões de sistematização** ..... 67
- **Pessoas que participaram e deram depoimentos na reunião de sistematização de outubro de 2005** ..... 67



# Introdução

A Associação dos Produtores Rurais Rolimourense para Ajuda Mútua (Apruram) é uma central composta por sete associações e um grupo formal. Por questões estatutárias, não se associam pessoas individuais, mas grupos ou associações. Está instalada no município de Rolim de Moura, Estado de Rondônia.

Desde o início, a Apruram trabalhou com um número grande de produtores rurais. Foi fundada no ano de 1991 para ser uma central de comercialização, com a finalidade de unir a produção dos sócios para fazer a comercialização conjunta. O propósito, com isso, era tirá-los das mãos

dos atravessadores. Em 1995, começou a trabalhar com a produção de mudas de espécies frutíferas, no intuito de diversificar a produção. O objetivo era dar maior estabilidade aos produtores e fixá-los no campo. Esse trabalho foi iniciado com um projeto de iniciativa comunitária, financiado pelo Plano Nacional de Florestas de Rondônia (Planafloro). Foram feitas apenas 12 áreas demonstrativas, mas a proposta solidificou-se em 1997, com a parceria do Subprograma Projetos Demonstrativos (PDA) do Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil, Ministério do Meio Ambiente (MMA).





Os consórcios agroflorestais demonstraram ser uma boa alternativa para aumentar a renda familiar. Há resultados a curto prazo, com as culturas anuais implantadas nas entrelinhas até que se tornem arbustos. A médio prazo, com as espécies frutíferas ou palmáceas. E, a longo prazo, com as espécies de madeira. Essas madeiras têm para o produtor o significado de uma poupança, um investimento financeiro e ambiental. Neste relato, veremos vários depoimentos de produtores comprovando o retorno financeiro desse investimento. Trabalhamos especialmente com madeiras nobres, que estão em risco de extinção, como mogno, castanha, itaúba e cedro rosa.

Nesses anos de experiência constatamos que, se os produtores estão estimulados financeiramente, as associações ficam mais estruturadas.

Com esse processo de sistematização, queremos resgatar nossa história para, ao revermos o passado, nos prepararmos para o futuro e analisarmos o quanto o projeto de produção, beneficiamento e comercialização dos produtos de sistemas agroflorestais contribuiu para a Apruram e suas filiadas.

Queremos refletir sobre como se deu a relação entre a produção, o beneficiamento e a comercialização - porque esses são três fatores que não podem andar sozinhos - e como esses fatores influenciaram na organização da nossa Associação.

A sistematização foi coordenada pelo secretário da Apruram, Adelício Becker Jacinto, e pela técnica agrícola Marinete da Silva. Contou com o auxílio constante do técnico agrícola Landoaldo Soares Faroni e com o acompanhamento do presidente da Apruram, Aparecido da Silva.

Achamos importante resgatar essa história porque ela dá uma novela. As lutas e as conquistas que conseguimos são muito fortes. Se deixássemos o produtor perder o estímulo com o cupuaçu e com os arvoredos que os sistemas agroflorestais formaram, ele voltaria ao passado e deixaria a área virar pastagem e voltar para a mão do fazendeiro. Então, as nossas lutas para organizar os produtores, tanto para a produção, como para o beneficiamento e a comercialização dos produtos, têm sido muito fortes e muito importantes para a vida das famílias, das comunidades, das associações e até do nosso Estado. Nossas lutas custam suor, sacrifício, horas de sono e sofrimento. Quando contadas para os outros, que também passaram por coisas parecidas, dão ânimo porque as pessoas ficam sabendo que existe mais alguém engajado na luta.

Registrar e contar essa história é importante para nós, agricultores, que participamos das lutas, para as associações que formamos e para quem lerá nosso relato. Esta história traz um espírito de ânimo para a companheirada, e é importante para registrar o modelo alternativo de produção que está surgindo.



Para fazer a sistematização, começamos com uma assembléia, da qual participaram os diretores da Apruram e dirigentes das associações filiadas<sup>1</sup>. Aí, todos tiveram noção do que se tratava, da importância de sistematizar nossa experiência e de quais eram suas funções como diretores para que esse trabalho desse certo. Então, as reuniões em todas as associações já ficaram agendadas. Tivemos a primeira reunião, com a apresentação do trabalho e divisão em vários grupos para responder às perguntas orientadoras. Essas perguntas tinham sido criadas inicialmente na oficina de Brasília<sup>2</sup>, pela equipe responsável, e ampliadas na assembléia com os diretores.

<sup>1</sup> Em anexo, a lista das associações.

<sup>2</sup> Primeira oficina de formação para os representantes dos projetos que participaram do processo de sistematização promovido pelo PDA.

## Perguntas orientadoras

- Quando e como surgiu a necessidade da elaboração do primeiro projeto com sistemas agroflorestais e de quem foi a iniciativa?
- No lançamento da idéia, os produtores sabiam o que era sistemas agroflorestais? E hoje?
- Houve resistência por parte de alguns produtores? Em caso positivo, como a Apruram lidou com isso para reverter a situação?
- Quantas associações se envolveram? Qual o número de sócios por associações e qual a porcentagem de famílias não-sócias que aderiu ao processo?
- Como foi o sistema de organização na escolha das áreas e quais os critérios utilizados para ser beneficiado com mudas?
- Quais espécies foram implantadas? Por quê?
- Quais espécies dos sistemas agroflorestais trazem maior benefício ambiental e de que forma?
- Quais espécies tiveram melhor adaptação aos solos? Quais as que tiveram melhor aceitação do produtor e por quê?
- Os produtores estão satisfeitos com as espécies que dão resultados a curto prazo e com as que eles pensam que darão retorno econômico a longo prazo?
- Como estão sendo manejadas essas áreas? No surgimento de problemas, como foram resolvidos?
- Que vantagens e desvantagens foram encontradas pelos agricultores com relação a esse sistema de produção sustentável?
- Como os produtores analisam o trabalho de assistência técnica tanto na condução das culturas quanto no beneficiamento e na comercialização?
- Como foram feitas as comercializações? Quando surgiram problemas, quais foram suas causas e o que foi feito para resolvê-los?
- Como a associação vem trabalhando para obter maiores resultados e quais as perspectivas futuras?

<sup>3</sup> Célia Chaves, da equipe técnica do PDA na época, e Ladjane Ramos, consultora especializada em metodologias participativas.

<sup>4</sup> Em anexo, lista das pessoas que participaram das reuniões e deram depoimentos.

<sup>5</sup> Em agosto de 2005, visita da Professora Elza Falkembach e da consultora Mara Vanessa, com o objetivo de finalizar as reflexões sobre a narrativa elaborada.

<sup>6</sup> A maioria dos depoimentos colhidos nessa última reunião aparecem, na narrativa, sem identificação da pessoa que falou. Os nomes de todos que participaram estão listados em anexo.

O segundo passo foi a visita da equipe de apoio do PDA<sup>3</sup>, que nos instrumentalizou com várias ferramentas para facilitar o desempenho do trabalho. Em seguida, demos continuidade com a nossa seqüência de reuniões agendadas, todas bem sucedidas, com bom número de participantes e de depoimentos relacionados ao assunto<sup>4</sup>. Fizemos o levantamento de dados, documentos e fotografias. Depois disso, foi escrita a primeira narrativa.

Realizamos ao todo oito oficinas com associações e duas com diretores: uma no início e outra no final. Esta última foi para fazer a análise e avaliação da primeira narrativa. “O que deu mais resultado foi o trabalho em grupos. No começo, o pessoal ficava acanhado, mas de repente se abria... Aproveitavam para trocar idéias, discutir assuntos, concordar, discordar. Eram grupos de dez, 20, até 30 famílias, em cada associação” (Adelício).

Para finalizar o processo, tivemos uma nova reunião com representantes do PDA<sup>5</sup>, na qual foram colhidos outros depoimentos e atualizada a narrativa<sup>6</sup>. Analisamos nossa experiência, seus pontos fortes e suas dificuldades, e como as estamos resolvendo. Debates, também, sobre o significado de nossa experiência nas vidas dos associados e dos produtores rurais da região.

Com o apoio do PDA, foi finalizada a narrativa que agora apresentamos.

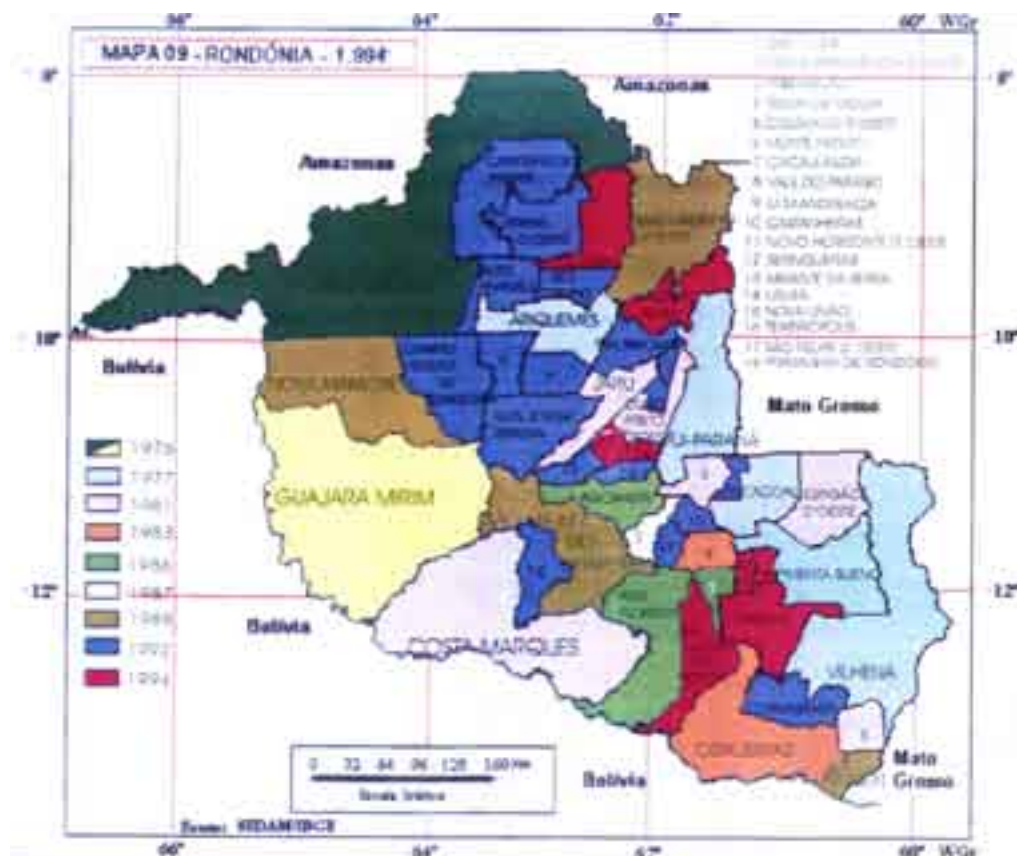




# Contexto

A experiência sistematizada aconteceu em Rondônia, no município de Rolim de Moura, entre os anos de 1997 e 2003. Na última reunião de sistematização, foram atualizadas as informações até o primeiro semestre de 2005.

Para entender o contexto dessa história, é preciso saber um pouco sobre a colonização de Rondônia e a história do surgimento das associações de produtores familiares rurais.



## Notícias sobre a colonização de Rondônia

O Estado de Rondônia, com uma área de 238.512,80 km<sup>2</sup>, está inserido na Amazônia Ocidental, situado entre os paralelos 70 58' e 13 e 43' de latitude sul e os meridianos 59 50' e 66 48' de longitude a oeste de Greenwich. Está limitado ao norte com o Estado do Amazonas, a noroeste com o Estado do Acre, a oeste com a República da Bolívia e a leste e sul com o Estado do Mato Grosso. É uma região que se apodera de muitos recursos naturais. Possui reservas ambientais, grandes quantidades de igarapés, rios e pântanos, com uma grande riqueza de animais silvestres e aquáticos.

A história de sua ocupação data do século XVII, com as "Entradas e Bandeiras" que iam em busca de mão-de-obra indígena, ouro, pedras preciosas e especiarias. A "onda" seguinte foi a do ciclo da borracha. Depois de um período de estagnação por causa da produção na Malásia, a economia da borracha ressurgiu em 1943, durante a Segunda Guerra Mundial. Renasceu a importância dos seringais da Amazônia e, desta vez, a exploração foi feita pelos chamados "Soldados da Borracha". Eram, em sua maioria, retirantes nordestinos levados pelo Governo Federal para a Amazônia, com a finalidade de povoar e colonizar as áreas de fronteiras. Dentre essas, o Território Federal do Guaporé, que apenas em 1956 passou a ser denominado de Território Federal de Rondônia, em homenagem ao Marechal Rondon<sup>7</sup>. Os primeiros dados demográficos registraram, no final da década de 40, uma população de 36.935 habitantes.

Novos rumos para a ocupação de Rondônia aparecem em 1952, com a presença da cassiterita. Isso estimulou os seringueiros e os proprietários de terra a entrarem em uma corrida ao estanho. Houve, nesse período, migração intensa de garimpeiros. Essa lavra econômica impulsionou toda a economia local até 1971, quando, por força de uma portaria do Ministério de Minas e Energia, a exploração manual foi reprimida, ficando o acesso permitido apenas a mineradoras.

## "Um trovejo de gente"<sup>8</sup>

Já em 1968, foi consolidada a BR-364, que liga Cuiabá-MT a Porto Velho-RO. Isso permitiu, a partir de 1970, o início da ocupação agrícola no então Território Federal de Rondônia. O efeito imediato deste novo ciclo econômico foi a rápida formação de aglomerados urbanos e a ocupação rural pelos projetos de colonização executados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). O produtor recebia uma declaração chamada "carta de ocupação", que exigia do proprietário que derrubasse 50% da propriedade para conseguir o "título definitivo". Essa forma de ocupação se efetivava nas propriedades ao longo da BR-364 de forma intensa e contínua, inviabilizando qualquer ação de ordenamento e planejamento adequado da expansão da fronteira econômica.

Assim, os municípios de Porto Velho e Guajará-Mirim, criados em 1914 e 1928, respectivamente, foram desmembrados dos Estados do Amazonas e Mato Grosso, na década de 70, com o expressivo aumento do fluxo migratório. Com a Lei n. 6.448, de 11 de outubro de 1977, foram criados mais cinco municípios: Ariquemes, Ji-Paraná (ex-Vila Rondônia), Cacoal, Pimenta Bueno e Vilhena, todos desmembrados do Município de Guajará-Mirim.

A partir da criação do Estado de Rondônia, em 1981, muitos desses distritos, dada a sua importância econômica, política e geográfica, foram se transformando em municípios. No ano de 1983, foram criados os Municípios de Cerejeiras, desmembrado de Colorado d'Oeste, e Rolim de Moura, desmembrado de Cacoal.

7 O então General Cândido Mariano Rondon foi encarregado pelo Governo Federal de instalar a linha de telégrafo que estabeleceu comunicação entre o Território Federal do Guaporé e o restante do País. Os relatos da Missão Rondon são as primeiras crônicas sobre a vida das populações indígenas daquela região do País.

8 Modo com que o Sr. Adélcio, na oficina de sistematização, referiu-se à forma de ocupação de Rondônia nesse período.

# A necessidade de se organizar

## O surgimento das associações

Em 1982, surgiram as primeiras associações no Estado, batendo de frente com o sistema da biopolítica colonizadora, que era apenas jogar os produtores de um lugar para outro, trazendo-os do Sul e de todas as partes do Brasil para “limpar” as matas de Rondônia.






“O começo dessa política que nós temos aí, cruel, começou quando nós chegamos, mais no começo de Rondônia. O modelo veio para cá de outros estados, massacrando o que nós tínhamos aqui. Tinha um povo que vivia aqui, os extrativistas, os índios, que tinham toda uma cultura e que respeitavam a natureza, dependendo da sua região. Porque nós temos uma região aqui que tem sua época de seca, sua época de chuva. Mas a primeira coisa imposta para nós aqui foi: ‘Vocês ganharam a terra, ganharam este lote, mas só ficam nele se vocês abrirem e desmatarem. Se vocês não desmatarem, não vão ter nem documento, nem vão ter terra; vão ter que ir embora’. E o povo, que veio de outras regiões em busca de ter comida para comer, foi mesmo desmatando, foi acabando com beirada de rio, foi plantando grama, foi plantando conforme o que veio, e é assim até hoje. A política do governo era de que a gente tinha que desmatar para ficar com a terra e por isso, hoje, Rolim de Moura é um município bem desmatado. Esse foi o primeiro incentivo que se teve. Daí para cá, começaram a vir os créditos, o que veio piorando, até hoje.” (Aparecido e Adelição, diretores da Apruram)



Em 1986, surgiram as primeiras associações no Município de Rolim de Moura e região. Os Sindicatos de Trabalhadores Rurais e as Igrejas Católica e Luterana apoiavam os primeiros passos do trabalho de permanência do homem no campo, porque, com a crise provocada pelo baixo preço do café, o número de pessoas da área rural que saía do Estado era muito grande.

Esse trabalho era feito por meio de debates em comunidades ou grupos de produtores, no sentido de organizá-los para conseguir permanecer na terra. Foi uma longa batalha, mas satisfatória, porque cresceu o número de associações em todo o Estado. Essas associações tiveram como missão organizar o povo, mas, principalmente, organizar a comercialização, trazendo informação e transformando-se em um ponto de apoio para o associado vender a produção e enfrentar as crises. Elas se transformaram, assim, em uma forma de apoiar a permanência do produtor “com sangue forte” na terra.

Diante do surgimento de tantas associações espalhadas por todo o Município, e por algumas vantagens encontradas na comercialização conjunta, sentimos a necessidade de formar uma Central de Associações. E assim surgiu a Apruram.

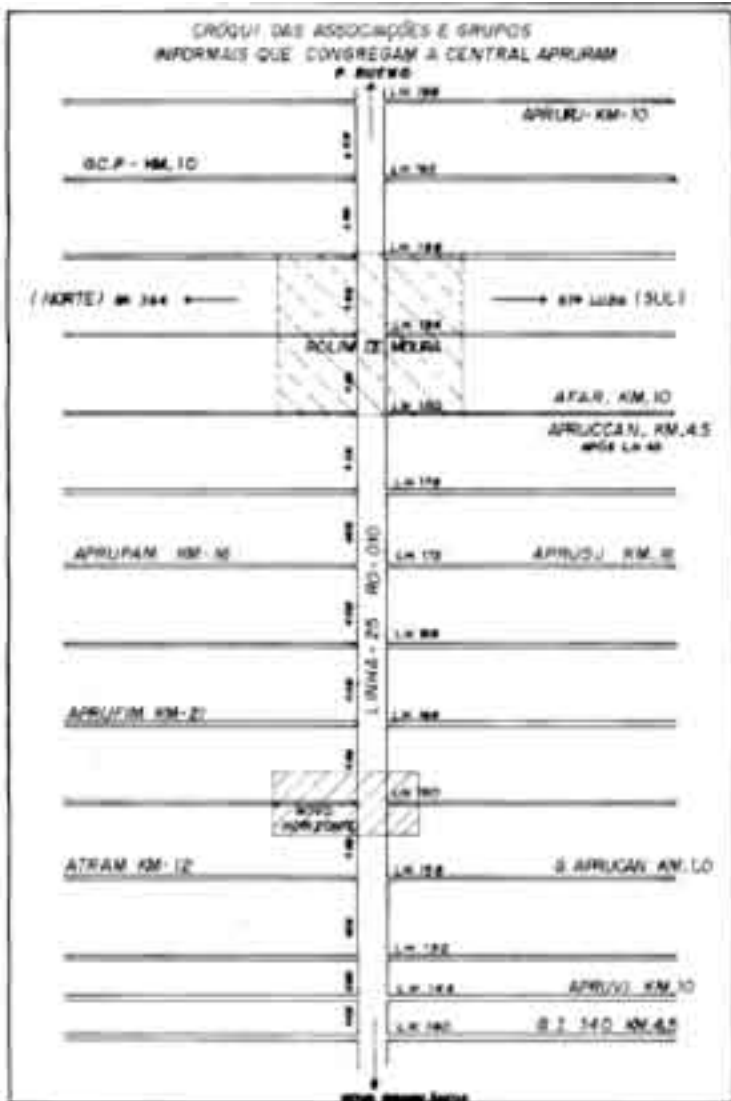


“Num encontro de círculo bíblico lá na cidade de Mundo Novo - MS, nos anos de 1970, a reflexão ditava que o homem deve procurar um pedaço de terra para formar sua família e sobreviver. Então, no outro dia, meu marido, Antônio, vendeu uma mula com a carroça e nos deslocamos para Rondônia. No ano de 1974 chegamos, fomos ao Incra, que nos encaminhou para este pedaço de terra na linha 172, km 6, sentido norte. Mas não deu assistência aos produtores. Iniciamos com gado de corte. Depois, apareceram os pacotes eleitoreiros. Apareciam a cada ano que sucedia o final de um mandato, tanto de governador como de prefeitos. Eram caracterizados por incentivar um determinado tipo de cultura, dizendo que seria diversificação de produção, mas só dentro do período do mandato. Por exemplo: em um governo era incentivado o plantio da cultura de laranja, já no próximo mandato não se dava continuidade a esse cultivo e se incentivava o cultivo da acerola... Assim acontecia sucessivamente, não existindo apoio para a comercialização. Com a Apruram foi diferente. Além de ajudar na venda dos cereais, está dando suporte para que nós possamos comercializar o cupuaçu, a seringa e o que temos em produção por enquanto.” (Sr<sup>a</sup> Luciana, residente na linha 172, km 06, lado norte, sócia da Aprupam)

Com o desenvolvimento e progresso da Apruram, descobrimos, no dia-a-dia, que teríamos de trabalhar com a diversificação de culturas e com a criação de condições de comercialização para os agricultores que, envolvidos nos pacotes eleitoreiros<sup>9</sup>, estavam perdendo sua produção.

Nesse momento, surgiu a necessidade de escrever projetos e buscar recursos junto ao PDA. O objetivo era estruturar a Associação, tornando-a capaz de absorver a produção para que os produtores não se desestimulassem nem vendessem suas propriedades. E, felizmente, as áreas de consórcios agroflorestais estão dando certo porque temos vários produtores realizados com a boa produção.

<sup>9</sup> Pacotes eleitoreiros são as propostas de cada novo governo estadual, que incentiva um tipo de cultura agrícola, como acerola, ou laranja. No governo seguinte, esses projetos não têm sequência, o que traz prejuízo ao produtor, que perde seu investimento.



Vamos, neste relato, contar um pouco dos acontecimentos deste sonho que é a vida da APRURAM, que é o sangue que corre nas veias dos produtores rurais.

“Cada governo que se instala em Rondônia tem uma política. A política é feita para o governador, não para o produtor rural. Um governador vem e implanta um plantio. Há uns anos, foi o de laranja – pólo cítrico. Acabou o governo, acabou o pólo cítrico; o produtor ficou na dívida. Logo em seguida, veio o pólo algodoeiro. O produtor financiou, plantou, produziu... Um ano só, e sumiu. O produtor ficou no prejuízo. Aí veio o pólo q4, o pólo da acerola. Foram mil contratos de financiamento no estado. É doido... Os produtores ficaram endividados, de novo. Já se havia investido tanto, inclusive em câmaras frias, mas o governador que veio a seguir não quis investir o resto que faltava para trabalhar com as frutas. Resolveu incentivar o café. E agora é a piscicultura. É assim: entra um novo governador, cria novo pólo...” (Produtores da Apruram, na oficina de sistematização)



## Como e por que nasceu a Apruram

Para falar na vida da Apruram, como surgiu e para quê, não poderíamos deixar de relatar como surgiram, primeiramente, as duas principais associações: Associação dos Produtores Rurais para Ajuda Mútua (Aprupam) e Associação das Famílias Rurais (Afar).

Em 1988, na linha 172, km 16, lado norte, os produtores sentiram a necessidade de dispor de uma máquina para beneficiamento de arroz e reuniram-se para comprá-la. Logo mais veio outro grupo de 13 a 15 famílias, revelando a mesma necessidade. Com a chegada da máquina, houve um aumento do número de possíveis sócios e, por isso, formaram uma associação. Um dos primeiros benefícios foi a porcentagem cobrada para limpar o arroz. Nos atravessadores, era cobrado à meia (50%) e a associação passou a cobrar 5%, somente para suprir suas despesas.

No ano seguinte, 1989, também houve a mesma necessidade na linha 180, km 10, lado sul, onde já havia 11 produtores reunidos, todos com o mesmo objetivo e a mesma consciência quanto à importância do associativismo. Então, restava pôr em prática o conhecimento construído, formalizando a associação. Juntos, esses produtores reuniram um capital e construíram a sede - uma instalação com 81 m<sup>2</sup> no terreno doado pelo Sr. Antonio Nunes da Costa. Ali, instalaram a máquina para beneficiar arroz. Com o passar dos dias, devido aos ótimos resultados obtidos com o beneficiamento de arroz, foram aparecendo mais sócios. Por causa da velocidade com que correu a informação, com mais ou menos 60 dias de trabalho já havia 23 sócios. Com aproximadamente 120 dias de trabalho, chegou-se ao número de 60 sócios.

Com o aumento do sucesso a cada dia, no ano de 1990 surgiu a necessidade de comprar uma máquina para beneficiamento de café, que trabalhou a todo vapor durante o período de safra, porque a Afar era a única associação no município a possuir uma máquina dessas.

É importante lembrar que, no mesmo ano em que foi instalada essa máquina para beneficiamento de café, a diferença de preço do produto entre Rolim de Moura e Cacoal era tão grande que era suficiente para o produtor fazer toda a compra de mantimento básico para sua família passar o ano<sup>10</sup>. O preço em Cacoal era muito melhor. É importante ressaltar, também, que até a Aprupam conseguiu se beneficiar dessa diferença de preço, embora precisasse pagar dois fretes: um da linha 172 (onde está localizada) até a 180 (sede da Afar, onde ficava a máquina), e, daí, outro para Cacoal.

Ainda no ano de 1990, com o sucesso da Afar e a satisfação da Aprupam, sua primeira parceira, houve uma divulgação que despertou os produtores para as vantagens do associativismo. Após terem concretizado as integrações de venda com ótimos resultados, pensaram em ampliar as forças. E começaram com uma idéia que mais tarde seria amadurecida: a "Central de Comercialização", que é hoje a Apruram.

Convictas do que queriam, as duas associações solicitaram a parceria da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Rondônia (Emater-RO) e marcaram uma reunião convocando outras associações que tivessem interesse em

<sup>10</sup> Prática muito comum na região, a "compra de passar o ano" é feita pelo produtor ao vender sua safra.



■ Assembléia realizada no centro de treinamento da Igreja Católica de Rolim de Moura.

intensificar as iniciativas de associativismo. O principal objetivo era formar uma “Central de Comercialização”. Convidaram um total de 12 associações, das quais seis compareceram à reunião em que foi lançada a proposta. As associações presentes eram: Associação das Famílias Rurais (Afar), União de Produtores Rurais (Unip), Associação das Famílias Rurais para Fins Mútuos (Afrufim), Associação dos Produtores Rurais para Ajuda Mútua (Aprupam), Associação dos Produtores Rurais Rio Jacaré (Aprurj), Associação dos Pequenos Produtores para Ajuda Mútua (Apruccam) e dois grupos formais da linha 148, sentido sul. Todas concordaram em assumir esse

compromisso e definiram uma data para a assembléia de fundação da nova associação, a “Apruram”, que foi realizada no dia 29.06.1991.

A diretoria provisória foi composta pelos seguintes integrantes, com suas respectivas funções:

Presidente: Aparecido da Silva; Vice-Presidente: Manoel Rocha de Souza; Secretário: Adélcio Becker Jacinto; Vice-Secretário: João Meneguet; Tesoureiro: Valdemar Espanhol; Vice-Tesoureiro: José Sapateiro; Conselho Fiscal: Airtom Dimer da Rocha, Antonio P. do Nascimento e Civaldo J. dos Santos; Suplentes: Getulio M. Oliveira, Odair Julio Pereira e Francisco P. de Alcântara.



# Primeiros passos e conquistas da Central

O primeiro passo foi a preparação da documentação necessária da Apruram, como registro da associação, contrato social, CGC e inscrição estadual. Em seguida, foi feita a compra de uma instalação com estrutura metálica no valor de 500 mil cruzeiros (moeda da época), mais 200 sacos de arroz. E, em fevereiro de 1992, foi efetuada a compra da infraestrutura onde funciona a atual sede, no valor, à época, de 60 milhões de cruzeiros, mais 2 milhões de cruzeiros pagos em despesas de negociação, totalizando 62 milhões de cruzeiros, valor esse que equivalia a 1500 sacas de café. Ficou acertado, em uma reunião com aproximadamente 500 sócios, que cada um ficaria responsável por doar três sacas de café. Seria entregue uma saca por ano, concluindo-se o pagamento no final do terceiro ano.

No dia 28.01.1992, realizou-se a assembléia que definiria a nova direção de acordo com o estatuto, que determinava um prazo de dois anos para cada gestão<sup>11</sup>.

<sup>11</sup> Participaram as associações: Aprupam (Associação dos Produtores Rurais Para Ajuda Mútua) linha 172, km 16, lado Norte- Município de Rolim de Moura, Afar (Associação das Famílias Rurais) linha 180, km 10, lado Sul - Município de Rolim de Moura, Aprurj (Associação dos Produtores Rurais Rio Jacaré) linha 196, km 10, lado sul - Município de Rolim de Moura, Grupo Conjunto do Povo da linha 192, km 09, lado norte - Município de Rolim de Moura, Unip (União de Produtores Rurais), Associação da Linha Capa 50, Apruccam (Associação dos Pequenos Produtores Para Ajuda Mútua) linha 180, km 4,5, lado sul - Município de Santa Luzia d' Oeste, Aprufim (Associação dos Produtores Rurais Para Fins Mútuo) linha 164, km 19, lado norte - Município de Castanheiras, Grupo Formal da Linha 156, Km 12, lado norte, atual Atram (Associação dos Trabalhadores Rurais Para Ajuda Mútua), Aiopam (Associação Integrada de Produtores Para Ajuda Mutua ) Município de Castanheiras, Associação dos Chacareiros de Santa Luzia do Oeste.





#### ■ Curso de comercialização

## Avançando na comercialização: uma grande dificuldade e uma grande vitória

No dia 27 de abril de 1992, recebemos a escritura da atual sede e começamos as atividades de comercialização. Nos meses de junho e julho de 1992, fizemos uma operação conjunta que resultou numa quantidade de, aproximadamente, 12 mil sacas de feijão para a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Nossa intenção era vender para o Governo Federal pelo preço mínimo, no formato por ele utilizado e denominado de Aquisição do Governo Federal (AGF), em que o governo paga ao produtor em 15 dias, pela cotação mínima. O outro formato é o Empréstimo do Governo Federal (EGF), no qual é antecipado ao produtor o recurso relativo à quantidade de produção que está vendendo, pelo preço mínimo (cotação mais baixa).

A partir daí, o produtor tem até 180 dias (seis meses) para entregar o produto ou, se encontrar preço melhor, vender sua produção no mercado e pagar ao governo em dinheiro, ganhando com a diferença.

Naquela época, precisávamos vender pela cotação mínima para garantir a renda do produtor, já que o mercado não estava bom. Por isso, quisemos fazer via AGF. Mas o gerente do Banco do Brasil em Rolim de Moura, pressionado pelos atravessadores para não aceitar essa transação, alegou que uma associação não poderia comercializar via AGF. De acordo com ele, somente o produtor poderia fazê-lo, de forma individual, e, por isso, devolveu as notas fiscais que estavam em nome da Associação para transferir aos nomes

dos produtores. Com esse episódio, descobrimos que a via de comercialização AGF era proibida para associações ou cooperativas.

Perante essa situação, o presidente da Apruram, Aparecido, telefonou para o Secretário da Agricultura do Estado explicando o que estava acontecendo. O Secretário se encontrava em Ji-Paraná e pediu que Aparecido fosse até lá para tomar as medidas cabíveis. Na reunião, o Secretário ligou para o Ministro da Agricultura. Nesse telefonema, ficou bem claro que, de fato, associações e cooperativas não podiam negociar produtos com o Governo. Mas ficou claro, também, que isso tinha que mudar o mais rápido possível. Em seguida, o Ministro reuniu-se com os outros colegas da área e foi editada uma resolução abrindo esse espaço. Essa resolução foi publicada no Diário Oficial da União e, no prazo de 30 dias, todos os produtores já estavam recebendo seu pagamento via Apruram. Foi muito bom para nós e para todas as associações e cooperativas do Brasil, que a partir daquela data passaram a ter o direito de vender produtos via AGF. É bom destacar que, já em setembro de 1992, estávamos exportando 7.800 sacas de milho para o Peru.



■ Viveiro de mudas de café

## Apoiando a produção, o beneficiamento e a comercialização com foco no café

Em 1993, conseguimos recursos no Banco do Brasil para custeio e o repasse foi feito para os produtores. Esse recurso para custeio é muito necessário para o produtor, mas é também uma faca de dois gumes. O que é custeio? É um dinheiro que o produtor pega, no começo do plantio, para pagar após a colheita. Com esse dinheiro, ele se mantém naquele período. É um dinheiro antecipado que pode ajudar ou derrubar o produtor, porque, se ele tiver uma colheita ruim, fica endividado. Mas, por outro lado, é uma necessidade, porque, muitas vezes, o produtor não tem recursos para se manter entre uma colheita e outra. Além disso, se ele estiver mudando de sistema de produção ou de tipo de cultura, ou se estiver inovando de alguma maneira, precisa ainda mais do custeio.





■ Viagem do Luiz Cláudio, Adélcio e Aparecido



■ Mudanças de essências

Nesse mesmo período, foram cadastrados todos os produtores sócios da Apruram e, para cada um deles, foi feita a carteira de participante. Como o trabalho aumentava a cada dia e não havia conhecimento, por parte dos produtores e diretores das associações, para levar adiante a assistência, contratamos, em junho de 1994, o primeiro técnico agrícola para atender os nossos associados. Com isso, tivemos que comprar um computador para facilitar os trabalhos e uma moto para o deslocamento do técnico.

Após um mês de trabalho e com o despertar do interesse dos associados, já estávamos fazendo um curso de aperfeiçoamento em comercialização. Nele, mostrávamos aos produtores que caminhos deveriam ser feitos para alcançar uma boa venda de produtos.

Iniciou-se a execução do planejamento do viveiro de café em setembro de 1994. O principal intuito era o fornecimento de mudas com melhor qualidade e menor preço, devido à imensa procura do produtor. Com o sucesso que conseguimos no primeiro ano, resolvemos fazer, no ano seguinte, um milhão de mudas de café. Mas já iniciamos, também, a produção de uma pequena quantidade de essências florestais, cujas mudas foram todas vendidas. E ainda nem

pensávamos que isso poderia tornar-se uma necessidade!

Para iniciarmos a grande comercialização da safra que se aproximava, no mês de março de 1995 decidimos fazer uma viagem de negócios. Foram escolhidos Aparecido, Adélcio e o técnico da Secretaria de Agricultura, Luiz Cláudio, que depois viria a ser Secretário da Agricultura do nosso Estado, para ir até o Paraná visitar as corretoras de café e as torrefações. Visitaram, ainda, produtores de café, fruticultores e órgãos estaduais ligados ao assunto. Os objetivos da viagem foram atingidos, o que, mais tarde, facilitou o nosso trabalho de comercialização.





Com o objetivo de aproveitar a produção de acerola de 30 a 40 agricultores, vítimas de um “pacote eleitoral”, a Apruram lutou para conseguir uma pequena câmara fria e uma empacotadeira. Esses equipamentos serviriam também para processar a produção de cupuaçu e graviola dos nossos sócios. Com muita luta, conseguimos um recurso via prefeitura. Como houve uma sobra significativa do recurso, investimos em uma máquina de re-beneficiamento de café, uma máquina de arroz e uma trilhadeira. Esses equipamentos foram para as associações.



■ Câmara fria

respeito  
é bom  
e a gente  
gosta!

## Tornando-se reguladora do preço do café

Uma grande conquista da Apruram foi adquirir o respeito dos compradores e tornar-se reguladora do preço do café na região. Esse foi o maior impacto visível logo no começo do trabalho da Central.

“Todos nós sabemos que, antes de haver as associações, de se organizar a central de associações, a Apruram, para a gente vender café e demais cereais, tinha que procurar o atravessador... Depois da Apruram funcionando, todos os cerealistas ficaram de olho em nós, sabendo que a maioria do povo que vendia para eles vinha para cá. Nossa renda de café aqui subiu, e, por incrível que pareça, também lá, entre os cerealistas, começou a aparecer renda de café a um preço igual ao nosso”.



“Ali, no nosso sítio, retirávamos sete ou oito caminhões de café e vínhamos para a cidade. Chegávamos aqui antes – todo mundo é prova disso aí – e nenhum cerealista queria limpar o caminhão de café. Eles não limpavam seu café, eles compravam seu café todo na renda, porque é o meio melhor deles ganharem muito dinheiro. Nós trazíamos o café e dizíamos: ‘Nós queremos limpar nosso café’. E eles respondiam: ‘Não, nós não fazemos isso, de jeito nenhum’. Nós falávamos: ‘Mas nós queremos limpar nosso café, limpinho, para vender!’. E eles respondiam: ‘Não!’. Nós não achávamos um cerealista que fizesse isso aqui. Aí, depois que formamos essa Central, enquanto eles cobravam dois quilos para limpar uma saca, nós cobrávamos um quilo. Hoje, em todo cerealista que você chega, eles limpam o seu café também. Mas, por quê? Quem trouxe isso aqui para dentro de Rolim de Moura? Fomos nós. No começo, o pessoal lá (os cerealistas) deu risada. Nós falamos: ‘Vamos sair daqui, estamos formando uma central lá na cidade alta, nossos produtos vão todos para lá, café, feijão e tudo’. Eles deram risada de nós: ‘Não, rapaz, isso não vai pra frente não’. ‘Vai! Se Deus quiser, vai!’, respondíamos. Ninguém acreditava, porque eles achavam que ia ficar sempre com eles, mas eles davam prejuízo ao produtor”.

(produtores da Apruram na reunião de sistematização/2005)



## Dificuldades e tropeços do início

Naqueles primeiros anos, um entrave foi o Plano Real. No início desse plano econômico, a Associação entrou em dificuldades. Mas não desanimamos porque, segundo um levantamento feito pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Rondônia (Fetagro), todas as associações de produtores familiares do Estado estavam em crise, principalmente aquelas que comercializavam. É normal que os produtores entrem em crise por causa do sistema, que afeta suas organizações.

Sofremos também, em 1995, um sério revés: o roubo de uma carga de café que estávamos enviando para Londrina. Tivemos um grande prejuízo, R\$ 40.000,00 do café, mais uns R\$ 20.000,00 de ICMS e frete. Passamos um aperto grande para equilibrar essa perda, mas conseguimos. Esses momentos de crise parecem muitas vezes ser um passo atrás, mas, na verdade, preparam sempre passos mais decisivos à frente. Concluímos que, apesar de algumas dificuldades, valia a pena continuar, porque as vitórias e as expectativas superavam os problemas.

# Começando a mudar:

## como a proposta de sistemas agroflorestais surgiu e se consolidou



Com persistência, corremos atrás de informações e de recursos. Na Fetagro descobrimos que havia um Ministério do Meio Ambiente que financiava projetos.

Isso nos despertou um grande interesse. Como já vínhamos trabalhando com viveiro de mudas e a demanda era grande, precisávamos ampliar com espécies frutíferas e essências florestais regionais. Também já tínhamos o projeto de câmara fria. Nossa motivação era econômica. Percebemos que, se o produtor não diversificasse a cultura, não conseguiria um bom preço na hora da comercialização, porque existe a famosa lei da oferta e procura. Assim, se o produtor tem várias culturas, provavelmente ele conseguirá vender alguma coisa na entressafra da cultura principal – no caso, o café.

Em janeiro de 1996, tivemos a visita de um agrônomo de uma central de comercialização de Silvânia - Goiás, e de outro<sup>12</sup> do Programa Novas Fronteiras do Cooperativismo (PNFC), do Ministério da Agricultura. Aprendemos muito com aquela troca de idéias. Começamos a perceber que o futuro estava na diversificação.

Nesse ano de 1996, já estávamos sendo referência na região pelo nosso bom relacionamento. Todo mundo queria nos visitar! Recebemos a visita de associações do município de Ji-Paraná, uma verdadeira caravana, quando tivemos a honra de dialogar com vários diretores. Para nós, aquela troca de experiências foi um grande aprendizado.

A oportunidade de um financiamento do Ministério do Meio Ambiente vinha para nós na hora certa. Nossa preocupação naquele início ainda não era claramente ambiental, mas já víamos que precisávamos mudar a forma de produzir. Esse foi um momento importante em nossa história, porque aí começamos nossa virada. Resolvemos investir no plantio de sistemas agroflorestais.

<sup>12</sup> Engenheiro Florestal Demóstenes de Moraes, que depois viria a integrar a equipe técnica do PDA.







■ Visita das associações de Ji-Paraná

## *Escrevendo o projeto: foco nas necessidades dos produtores e das famílias*

Ainda no mesmo mês, começamos a levantar dados e demandas para escrever o primeiro projeto para o PDA. Como já tínhamos o projeto para câmara fria, teríamos que ampliar o plantio de frutas regionais. Outros pontos que teríamos de atingir seriam a diversificação de culturas, a melhoria da qualidade dos produtos, a qualificação de diretores e produtores, o combate ao uso abusivo de agrotóxicos e à degradação do solo, e a procura para suprir a falta de assistência técnica.



Esses fatores estavam se agravando cada vez mais, causando a saída ou a venda das propriedades dos produtores familiares. Alguns mudavam para a cidade, tentando sobreviver com um subemprego. E a grande maioria ia para regiões novas, para derrubar mais florestas.



Tínhamos que fazer alguma coisa para bater de frente com essas políticas de destruição. Foi então que decidimos fazer um trabalho de base, com reuniões nas associações. Aí lançamos a idéia da diversificação de culturas pelos consórcios agroflorestais. No começo, a maioria do pessoal não conhecia nada referente a esse tipo de trabalho com sistemas agroflorestais, mas, mesmo assim, poucos tiveram resistência em aderir ao processo.

“Desde o início da Apruram, nossa família nunca teve resistência a nada. Sempre procuramos dar apoio em tudo. Porque, se não déssemos apoio, éramos nós que íamos sair na maior desvantagem”. (Maria Cristina, 172 Norte).


Para fechar o programa discutido, realizamos uma assembléia com a presença de três diretores de cada associação. Só assim montaríamos uma política com idéia própria das famílias rurais, a fim de dar suporte para a sua permanência no campo.

“Talvez hoje você pense: ‘Ah, eu vou vender porque não está dando para plantar mais o arroz, o feijão, o milho e nada disso.’ Vendendo aqui e indo para bem longe, para um lugar novo, quando chegar é meter o pau: derrubar, plantar lavoura no primeiro ano e, a partir do segundo, deixar virar capoeira, e derrubar outro pedaço, e assim vai. E quando for de oito a dez anos, fica do mesmo jeito que está aqui... E continuar pensando da mesma forma, mudar para outro lugar, fazer o mesmo. Só que uma hora esses lugares novos acabam. E aí? Então, o melhor é ficar onde se está, procurar recuperar a terra, fazendo correção aos poucos, plantando um pouco de cada coisa e, aí sim, vai dar para você viver. Como muitos que existem nesse mundão de meu Deus, que se organizam e se firmam fazendo história no lugar em que estão. Acho que deve ser feito com objetivo ambiental e financeiro, porque os dois andam juntos para a nossa qualidade de vida”. (Paulo, da linha 172, km 21, lado norte)

Escrevemos o projeto do nosso jeito, mas com muito carinho e dedicação. E constatamos que tivemos muito êxito e uma grande vitória quando ele foi aprovado.

Em maio de 1997 brilhou uma luz, com a aprovação do nosso primeiro projeto apoiado pelo PDA. Esse projeto deu condições para montarmos nosso programa de trabalho, planejado para nos tornarmos referência em Rondônia, por criarmos novas formas de produzir, em escala diversificada, com melhoria da qualidade dos produtos, com maior rentabilidade para as famílias e com benefícios para o meio ambiente.

“Houve um período em que eu e meu esposo pensamos em vender nossa propriedade e ir comprar sítio em Colniza – MT para aumentar a quantidade de terra, porque achávamos que viver em uma área pequena seria muito difícil. Mas refletimos melhor e achamos que aqui as coisas estão mais fáceis. A gente mora perto da cidade, a questão de saúde é fácil de tratar. A Associação é organizada e ajuda muito o agricultor, de uma maneira ou de outra. Temos energia elétrica. Várias escolas boas para os nossos filhos, até faculdade temos no município. Então, para que se arriscar, sem saber o que poderia nos acontecer em um lugar novo em que está tudo desorganizado e ainda pra se fazer? Muitos conhecidos nossos foram para lá e perderam suas vidas derrubando matos. E hoje, nós, sabendo trabalhar, essa nossa área pequena produz que dá bem para sustentar a família. Imagino que, se não tivéssemos entrado nesse processo de diversificação, estaríamos mortos. Quer dizer, estaríamos trabalhando com saldo negativo. Porque só a renda do café não dá para passar o ano todo bem. E sem falar que antes tinha uma despesa grande com veneno, que também estava prejudicando a saúde, o que, automaticamente, criava gastos.” (Marta, km 172, lado norte).



“Nós, na contramão dos pacotes eleitoreiros de monocultura, apostando na diversificação, temos dificuldades. Por exemplo, o governo não libera recursos para a Apruram terminar sua agroindústria porque não quer que se dê continuidade ao que o governador anterior tinha incentivado, para que ele não fique com o resultado de ter dado certo... O produtor fica no meio desse tiroteio, por isso que a gente está partindo para a diversificação, para trabalhar com as próprias pernas. Tem hora que o produtor até nem acredita. O coitado fica que nem cego em tiroteio. Aí entra a associação. E é o seguinte: aqueles que acreditam estão lá na terra; aqueles que não acreditam vão embora.”  
(Aparecido)





■ Viveiro ano 1997/98

## A implantação dos sistemas agroflorestais

O primeiro passo que demos foi contratar um técnico agrícola para passar orientações aos agricultores. Outro passo foi a seleção dos 75 produtores que implantariam as áreas de sistemas agroflorestais. Visitamos as associações filiadas e propusemos que selecionassem de seis a oito produtores para se integrar ao grupo de beneficiários de mudas. Mas tinha um critério: que escolhessem produtores familiares com característica de responsabilidade, para que o projeto tivesse êxito.

Logo em seguida, o coordenador do projeto e o técnico fizeram visitas às áreas para orientar os produtores sobre a importância da conservação do solo. Orientaram também sobre os meios de combate à erosão, no intuito de evitar maior degradação. Explicaram a proposta de aproveitamento das áreas desgastadas com sistema de produção consorciada. Isso evitaria também o assoreamento dos rios e córregos e o sufocamento das nascentes.

O passo seguinte foi a contratação do viveirista. Ele trabalhou sempre acompanhado pelo técnico. Seu trabalho foi cuidar da implantação do viveiro, adquirir sementes de

espécies florestais e frutíferas típicas da região, preparar canteiros germinadouros, preparar a terra, encher as sacolinhas e transplantar as mudas.

Outra ação importante foi a capacitação de 75 produtores, em cursos divididos em três etapas, com os seguintes conteúdos: sistemas agroflorestais, manejo do solo, desenvolvimento sustentável e gerenciamento integrado de unidade de produção diversificada.

Com a implantação das mudas nas propriedades, o acompanhamento passou a ser feito pelo técnico. Ele prestava assistência e fazia seus relatórios. Para monitorar o desempenho do projeto e facilitar a elaboração dos relatórios semestrais, o técnico e o coordenador do projeto faziam quatro reuniões com cada associação, nos intervalos de 6, 12, 18 e 24 meses.

No início tivemos uma dificuldade muito grande para a aquisição de sementes em nossa região. Havia poucas variedades que, às vezes, não germinavam, mas a dificuldade principal ocorreu porque os produtores não tinham o costume de colher sementes de árvores.



## Produção e distribuição de mudas

Divulgamos que estávamos comprando sementes de leguminosas e essências florestais, que, posteriormente, foram enviveiradas. Depois, fizemos nova divulgação, dessa vez para que os interessados em fazer áreas de consórcios agroflorestais viessem se cadastrar.

Como ocorria o processo de distribuição de mudas? O técnico visitava a propriedade daquele que se cadastrava, para dar o seu aval. No ato de retirada das mudas, o produtor tinha que assinar um termo de recepção. A finalidade desse documento era registrar quantas famílias rurais foram beneficiadas pela doação. A cessão de mudas tinha o objetivo de educar, melhorar e diversificar a renda da pequena propriedade, incentivar e dar condições de preservação do meio ambiente. Por isso, tínhamos um critério escrito no termo de recepção da doação que o produtor assinava e através do qual ele se comprometia a fazer a implantação e os tratos culturais para o desenvolvimento da área.

A repercussão foi tão grande que o número de pessoas interessadas superou nosso planejamento inicial de atendimento.

Produzimos mais que o dobro de mudas que estava previsto, o que foi muito bom, porque houve casos de produtores que iam ser multados se não replantassem a área derrubada. Então, o próprio Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) orientou esses produtores para que viessem até a Associação, onde fornecemos as mudas a custo zero. Com isso, deixamos o produtor com o problema resolvido e com retorno para o meio ambiente.



“Hoje se vê gente falando que quer plantar, mas não tem nenhum outro órgão incentivando, na prática. Às vezes, ouvimos falar nesse incentivo, mas não trabalham com a produção de mudas, como a Apruram. Para conseguir dar conta, tinha que fazer uma demanda de produção muito grande. Nós somos pessoas de sorte, porque nosso único compromisso foi plantar e zelar. Não tivemos que comprar as mudas ou sementes, que certamente seria um custo muito alto. E até trazer nossas mudas na roça, local do plantio, a Apruram trouxe, com seu caminhãozinho.”  
(Roque)



“Esse trabalho de distribuição de mudas que a Apruram, em parceria com o PDA, vem desenvolvendo é muito bom, porque temos medo que o Ibama nos obrigue a reflorestar. E aí, quem não está ligado à Associação vai ter mais dificuldade de adquirir as sementes. Com isso, nos sentimos na obrigação de nos organizar mais e mais para batalhar pelas coisas. Através da Associação fica mais a nossa cara, porque ela é feita de agricultores que sentem na pele tudo que sentimos..”  
(José Wilson, linha 172, km 21, lado norte).



■ Solenidade de distribuição de mudas

A Apruram vem desenvolvendo mudas de teca, pinho, só-brasil, aroeira, ipê, bandarra, breu, cacau, cupuaçu, açaí, jatobá, mescla- aroeira, freijó, pinho cuiabano, acerola, caroba e graviola. A preferência dos produtores por essas espécies justifica-se em razão do tipo de solo da região, com aptidão exigida por cada espécie. Inicialmente, é feita uma análise química, que verifica o “fator nutricional”, e uma análise física, que vê a topografia, o tipo de solo do terreno. Esses fatores têm grande importância quando se fala em sistema de produção. As espécies que mais trazem benefícios ambientais para a nossa região são aquelas que dão maior número de folhas e estão sempre trocando as velhas por novas, como bandarra, pinho cuiabano, freijó, caroba e só-brasil. São procuradas, também, porque são espécies que crescem muito rápido.

Além da relação das espécies com o solo, é levada em consideração a questão dos “consórcios” para que o sistema se torne sustentável do ponto de vista econômico. Isso se resolve com o suporte financeiro fornecido por culturas com início do ciclo produtivo precoce em relação às essências florestais. Com isso, o produtor tem o que vender em um tempo menor, enquanto outras espécies ainda estão crescendo.



■ Terra-planagem da área da fábrica de polpas de frutas (hoje 60% construída)

## Iniciando a fábrica de polpas

Outro grande passo foi o processo das obras e instalações da fábrica de polpas. Não conseguimos concluir na época prevista porque tivemos que fazer uma transferência de terreno, pois o local anterior havia sido transformado em área residencial. Com isso, fomos obrigados a comprar outra área e a recomeçar totalmente a construção. Nossa proposta é absorver as frutas dos produtores do nosso município e dos vizinhos, porque será a única da região.

“A Apruram é uma salvadora da pátria na hora da comercialização. Um exemplo foi na safra de cupuaçu. Eu peguei como missão a cada dois ou três dias tirar todos os frutos da roça e levar até a beira da estrada para o caminhão da linha levar para a Apruram, que ficou responsável pelo processo de comercialização. A diversificação ajuda no dia-a-dia da família do agricultor, porque, quando um produto está em baixa, o outro está pelo menos com um preço razoável. Com isso, ele pode tirar uma renda considerável para manter a família, dando um certo equilíbrio nas fases de crise. A maioria do pessoal ainda investe em gado de corte porque tem segurança na hora de vender. Mas, para reverter essa situação, para ter menos medo de ampliar suas áreas de consórcios e investir na qualidade da produção, precisa ter várias fábricas, ou uma fábrica que pegue todos os tipos de frutas e palmitos para dar segurança. Assim, todos vão ver na prática que podem produzir toda quantidade, que vende. Mas enquanto estiver assim, fica difícil trocar o certo pelo duvidoso.” (Gesiane, moradora da linha 172, km 13,5, lado norte e sócia da associação local).





■ Trabalho de fabricação de multimistura e controle de pesagem das crianças.

## O papel das mulheres e dos jovens

Nosso projeto com o PDA foi refinanciado. Nesta segunda etapa, priorizamos o trabalho com mulheres e jovens. Isso refletiu em toda a família. O processo de sistematização deu mais visibilidade ao trabalho das mulheres, demonstrando que são elas que asseguram a diversificação. Por exemplo, no quintal a mulher tem sempre um pezinho de couve, de taioba, uma roseira... No caso do feijão, tínhamos grande diversidade de espécies e hoje quase só existe o carioquinha, que o governo distribui. A mulher é que ainda conserva essa grande diversidade que está sumindo do nosso meio, porque ela busca, pega um punhadinho da outra amiga, planta ali, não deixa acabar.

“Eu falava para as mulheres: gente, vamos diversificar a coisa, não vamos ficar só esperando pelo arroz que o marido planta, pelo café, não, vamos mudar, vamos dar um passo, as mulheres têm que mudar o jeito, o ritmo, não podem ficar só dentro de casa, costurando ou lavando vasilha. Tem que mudar. Ai umas começam a mudar, dar um passo à frente, outras também. Depois a gente começa a ver que é diferente. Quando você começa a ter produtos diferentes na propriedade, mudam as coisas dentro de casa. E foi assim, uma começou a fazer horta, outra a costurar, outra a fazer doce, outra, artesanato ...”  
(Maria de Lourdes)





■ Curso de doces, geléias, compotas e licores.

As mulheres que trabalham com artesanato trazem um complemento importante para a renda familiar. Na II Feira de Produtos da Agricultura Familiar (Fetraf) do Estado de Rondônia, em agosto de 2005, a receita do artesanato, em sua maioria produzido por mulheres, foi quase igual à dos produtos orgânicos – um vendeu R\$ 9.000,00 e o outro, R\$ 8.000,00<sup>13</sup>.

“Eu cheguei na casa do Roque um dia e a esposa dele mostrou para nós uma rede de energia, mostrou os eletrodomésticos que tinha dentro da casa dela e falou: foi fazendo doce de coco e polpa de cupuaçu que eu consegui colocar esses implementos que estão dentro da minha casa aqui.” (José Assis).

<sup>13</sup> Informações de Elza, presidente do STR de Rolim de Moura, na reunião de sistematização da Apruram, em 2005.

“A partir do momento que a gente começou a trabalhar com diversificação na propriedade, parece que a coisa começou a melhorar. Enquanto estava assim só na produção de uma coisa, era difícil, porque a gente não conseguia sobreviver só com aquele tipo de coisa. Ai a gente começou, faz uma coisa, faz outra, inventa uma coisa, inventa outra, e parece que melhorou, até dentro da própria casa, um filho faz uma coisa, outro filho faz outra, ajuda muito. Então eu vejo assim, a diversificação dos produtos na propriedade é muita coisa para a gente, ajuda muito na sobrevivência, na renda familiar, é muito diferente da gente viver só com uma coisa. Na minha casa, de manhã a gente vai à horta, ao meio-dia a gente está costurando. Tem o serviço de casa em que os meninos ajudam um pouco, a gente divide”. (Maria de Lourdes)

“A Apruram, nesses dez anos, para mim vale uma quantidade, na área de apicultura e administração de vida própria. Se sou um pequeno produtor, a minha propriedade tem que ser viável, então lá tem que diversificar ao máximo. Durante quanto tempo e com que qualidade eu não sei, mas que tem que ter a diversificação que a gente puder. Então, quando eu vou para o sítio, no fim de semana, minha esposa ajuda no café e no guaraná. Eu tenho criação de gado e, às vezes, vou lá no gado. Ela vai lá na abelha dela. E como gosta disso! E o mel faz parte da economia do município. E vai fazer muito mais, porque onde tem abelha não vai dar certo o agrotóxico”.  
(Produtor da Apruram na reunião de sistematização de 2005)



Incentivamos também a valorização do trabalho dos jovens. Muitos filhos dos nossos associados estão hoje envolvidos com o trabalho e vêem perspectivas para o futuro. Nas nossas reuniões, participam todos — jovens, mulheres, homens. Vai toda a família e todos têm espaço para falar e opinar.

No trabalho das mulheres, começaram a surgir artesanato, mel, doces, geléias, produção de galinhas e ovos, e hortas com verduras sem agrotóxico. A apicultura, por exemplo, é uma coisa que atrai. Muitas famílias já trabalham com a produção de mel, envolvendo muito os jovens e as mulheres. Existe uma associação muito forte de apicultores no município, e várias produtoras (mulheres, mães de família) da Apruram fazem parte dessa associação. A Apruram apóia e, inclusive, cedeu um espaço físico em sua sede para a Associação de Apicultores, porque acreditamos que o mel é inimigo do agrotóxico e amigo da diversificação e do meio ambiente.





## Educação ambiental e orientação para a produção sustentável

Tivemos uma maior expansão no trabalho de educação ambiental, aumentando a produção de mudas de frutas e essências florestais para desenvolver novas áreas de sistemas agroflorestais. Aumentamos o trabalho de conscientização e as orientações para a melhoria da qualidade da produção. Experimentamos alternativas para evitar o uso de agrotóxicos, inclusive usando receitas de biofertilizantes. Nesse caso, começamos a experiência em hortas e pomares.

Trabalhamos sobre as vantagens da diversificação das culturas e da melhoria do rebanho, com a inserção do reflorestamento nas pastagens. Estimulamos a integração ao associativismo para todas as faixas etárias, prestando muita atenção aos jovens e às mulheres. Orientamos o trabalho para a sustentabilidade da propriedade, estimulando as famílias a planejar o uso de seu terreno.



“Hoje, muitas famílias estão vendendo, na feira, verduras orgânicas e a procura é muito grande. Também o café e o cupuaçu são produzidos sem agrotóxico, mas não trabalhamos ainda com certificação porque o processo é muito complicado. Mas é um objetivo nosso vender nossos produtos com esse diferencial, porque estão sendo produzidos de forma orgânica, sem uso de veneno. Então, é só provar que já fazemos assim.”  
(Adelício)



“O incentivo que o projeto vem fazendo através da Apruram traz benefício econômico e corrige erro do passado contra o meio ambiente. Esse erro causou desequilíbrio da natureza e ausência dos animais. A água está acabando. Hoje temos necessidade de corrigir o solo, existe assoreamento dos rios. Por causa da falta de frutas nas poucas matas que ainda restam, os animais estão invadindo roças e pomares em busca de alimentos. A partir daqueles cursos, quando explicaram que o solo precisa muito de nitrogênio, que chega ao solo através das plantas e árvores, percebi que tinha cometido um crime ambiental. E o pior é que me sentia feliz derrubando a mata!” (Altair, da linha 156, lado norte).

## Assistência técnica, experimentação e intercâmbio

O trabalho de educação ambiental nas famílias dos produtores despertou neles a necessidade de disseminar para seus companheiros os resultados das pesquisas realizadas na propriedade. Essas pesquisas são realizadas de forma simples, com a experiência do dia-a-dia de cada produtor. Daí surgiu “o quando e o porquê” de cada iniciativa tomada.

Um dos grandes entraves para o trabalho sempre foi a assistência técnica, porque, em geral, ela reforça o modelo dos pacotes eleitoreiros de investimento em um único produto. O produtor vai procurar crédito para diversificação e não consegue, pois os pacotes estão prontos. Por exemplo: terreiro de café, tulha e gado – para isso, tem financiamento. Mas, se o produtor quer outra coisa, não tem.

“Fui procurar o banco, queria fazer minha casinha lá no sítio para cuidar de minha diversificação lá, e o banco disse, com a assistência técnica, que eu tinha de fazer um terreirão (de café), uma tulha, plantar mais café e fazer mil metros de cerca. Mas eu nem gado tinha! Nem tinha café suficiente para pôr na tulha, no terreirão. ‘Vocês vão fazer o quê comigo? Só se vão me triturar no triturador, secar no terreirão e me guardar na tulha!’, eu disse.”

(Produtor na reunião da sistematização, 2005)

A política agrícola é voltada para o agronegócio e a assistência técnica reforça isso. Para amenizar esse problema, temos trabalhado com técnicos próprios. Quando contratamos um técnico, ele tem tanto trabalho quanto os diretores, é muito solicitado. Mas outro caminho que tem funcionado muito bem é o da troca de experiências entre agricultores. Isso dá muito resultado.

Também as parcerias com outros projetos e organizações, como a Associação de Produtores Alternativos (APA) e a Associação dos Pequenos Agrossilvicultores do Projeto RECA<sup>14</sup>, com quem fazemos intercâmbio. Quando há cursos na Apruram, convidamos o pessoal desses outros projetos. Eles também nos convidam quando oferecem cursos. Os produtores fazem visitas, buscam exemplos uns com os outros. E é a melhor forma de aprender: um produtor quer plantar alguma coisa e procura um outro que já planta aquilo, troca idéias e aproveita muito. Com isso, cria-se menos dependência da assistência técnica formal, que quase nunca corresponde às necessidades de quem está inovando.

“As informações repassadas pelos técnicos da associação ajudam a planejar a propriedade e destinar as diversificações de culturas para proteção do meio ambiente, para ter melhor renda na propriedade e produzir mais em menos espaços, com maior aproveitamento da terra e conservação do solo. Essas informações melhoram, também, nossa qualidade de vida no que diz a respeito a nossa saúde, nossa alimentação. E, dessa maneira que estamos trabalhando, passamos a proteger o solo das erosões, a cadeia produtiva, a microvida e o sistema de controle biológico. Procuramos proteger de contaminações também as águas que bebemos e que os animais bebem, e diminuimos a intoxicação que se apresenta em nosso organismo, principalmente quando ingerimos verduras contaminadas.”

(Marta, residente na linha 172, km 06, lado norte).

Erminio, do grupo São José, localizado na linha 172, km 18, lado sul, divisa do Município de Santa Luzia d'Oeste, comentou que, após os cursos da Apruram e as orientações do técnico, passou a preservar as matas ciliares e algumas reservas de sua terra. Disse, também, que alguns colegas afirmavam que ele iria prejudicar a criação, porque as vacas iam adentrar a mata, o que dificultaria a retirada dos animais. Mas, aconteceu o inverso: ele percebeu que a mata serve de abrigo para os animais na hora do sol quente. Então, preservou o local em que a mata ainda não tinha sido derrubada e plantou mais mudas, para que houvesse a recuperação do rios, porque o gado provoca o assoreamento onde as cabeceiras dos rios estão desprotegidas.

O jovem Hermes, morador da linha 172, km 14, lado sul, Município de Rolim de Moura, apresentou sua experiência feita na propriedade do pai. Ele fez uma área de consórcio com o cultivo de graviola, maracujá, mamão, cupuaçu e abacaxi, obtendo o seguinte resultado: primeiro colheu mamão, depois maracujá e abacaxi, e hoje tem em produção a graviola e o cupuaçu.

Nossa Central tem se esforçado para estimular os produtores na diversificação, na forma nova de trabalhar. Na opinião dos associados, trazer esse conhecimento, buscar de fora, de onde tiver, e trazer para o produtor, é um papel importante que a Apruram vem fazendo. Antes, isso não existia.

“A Apruram, com este projeto, nos ajudou muito com informações, com a comercialização de nosso produto, e até dando oportunidades para crescermos na vida”.

(Cirlene, linha 156, lado norte):

<sup>14</sup> APA — Associação dos Produtores Alternativos, de Ouro Preto do Oeste, RO, também financiada pelo PDA; e Associação dos Pequenos Agrossilvicultores do Projeto RECA, de Nova Califórnia (RO), na fronteira com o Acre, que também teve apoio do PDA. São duas iniciativas bastante avançadas de diversificação e de trabalho com sistemas agroflorestais, na produção, no beneficiamento e na comercialização.



# O que mudou

Tais trabalhos tiveram grande repercussão. Prefeituras, cooperativas e até associações de outros municípios vieram nos visitar no intuito de começar a fazer um trabalho semelhante, porque começaram a ver que estava dando certo. Essa fase de auto-estima da Apruram está facilitando os bons relacionamentos e parcerias com os órgãos públicos. Como Rondônia não tem uma política agrícola definida, esse nosso trabalho tornou-se referência para a região.

À medida que as comunidade rurais perceberam que a diversificação de culturas, somada com a potencialização da produção em seus terrenos, é um bom negócio, os produtores passaram a ter uma visão ampla, empreendedora. Com isso, começaram a enxergar as diversas formas de exploração sustentável das florestas. Foi assim que se deu, na prática, a conscientização quanto à importância da preservação do meio ambiente como um todo.



“O caminho para o pequeno produtor é a diversificação da cultura, porque traz retorno financeiro constante. E é muito maior o retorno ambiental, porque o consórcio tende a melhorar o meio ambiente, é o início da conservação do solo, da diminuição da poluição, etc.”

(Francisco de Alcântara, linha 172, lado norte).



Visando à recuperação das áreas já degradadas, surgiu o estímulo de desenvolver o sistema de produção chamado “sistema agroflorestal”, com o qual já estamos trabalhando há alguns anos. Foi um fruto semeado com sucesso nos primeiros trabalhos. Os produtores têm, com espontaneidade, a vontade de multiplicar essa forma de trabalho e por isso gostam de contar suas histórias. Esse relato é uma forma de propagar a educação ambiental, social e, acima de tudo, humana.

Quando perguntamos a um grupo de produtores o que melhorou na vida das pessoas a partir do trabalho da Apruram, as respostas foram as seguintes: hábitos de alimentação; rendimento econômico; menores riscos e mais segurança para produzir; a não-separação da família; a permanência das famílias no campo; auto-estima e autoconhecimento – as pessoas descobrindo que sabiam mais do que pensavam, conhecendo melhor a si próprios e aos vizinhos e amigos; mais saúde, porque, nas áreas consorciadas, o produtor toma menos sol na cabeça, trabalha na sombra, e também porque come melhor; as pessoas se fortalecem e não ficam tão influenciáveis; a quebra do medo de mudar; o cuidado com a natureza; a consciência ambiental; a qualidade da água e da terra; sementes com variedade e qualidade, sem depender só da semente híbrida, comprada; e a estrutura física de cada propriedade, que melhorou.

Podemos dizer que os reflexos do trabalho de diversificação da produção, beneficiamento e comercialização dos produtos de sistemas agroflorestais aconteceram sobre a organização da propriedade, sobre a renda das famílias, sobre o meio ambiente, sobre a consciência, sobre a qualidade de vida das pessoas – alimentação, saúde, segurança, convivência, amplitude de relações - e sobre a própria Apruram e as associações filiadas. Com essa sistematização, buscamos compreender como e por que aconteceram essas mudanças e qual a relação dessa nova matriz produtiva com o fortalecimento de nossa organização. Vimos que a relação é de mão dupla: a organização incentivou a mudança na forma de produzir, e essa nova forma - a produção, o beneficiamento e a comercialização dos produtos dos sistemas agroflorestais - também refletiu na consolidação da própria Apruram, com o fortalecimento e a melhoria da vida dos associados.

Fizemos um trabalho de conscientização e de experimentação, utilizando o sistema de produção sustentável com enfoque no fortalecimento dos associados. Tínhamos o objetivo de juntar forças, visando também à reestruturação das organizações de base dos produtores familiares rurais. Após esses anos de caminhada, procuramos saber o que o pessoal está pensando sobre elas. Os depoimentos a seguir nos dão algumas pistas.

## Planejamento da propriedade com diversificação: segurança



“O trabalho de planejar a propriedade e plantar consórcios é uma forma de usar a área para tirar o sustento da família, produzir de tudo, sendo um pouco de cada coisa, sem destruir e sem prejudicar a natureza. Temos que planejar bem para não fazer errado hoje e ficar chorando o leite derramado no dia de amanhã.”  
(Silvana, linha 156 - ATRAM).



Nós, da Apruram, estamos convictos de que o planejamento da propriedade com diversificação de culturas é a saída para o produtor familiar rural. Sabemos que os produtores isolados não têm tanta segurança como nós.

“A diversificação é útil em todos sentidos. Um deles é a renda em épocas diferentes. Se Deus quiser, no futuro vamos ter várias fábricas, como existem vários frigoríficos e cerealistas. Assim, vai poder existir melhoria de vida para nossos filhos. Nós nos preocupamos com o dia de amanhã. Hoje, eles estão sendo orientados para seguir nesse caminho, que tem tudo para dar certo. Para isso, precisam ser estimulados com realizações.”

(Jair Antônio, residente na linha 172, km 16, lado norte).

### Exemplo de uma propriedade que trabalha com o novo modelo de diversificação

#### Família do Sr. Roque

##### O que tinha no início

Galinha, porco, feijão e arroz.

Na hora da venda, não tinha preço bom para o arroz.

##### O que tem hoje

Alimentos: arroz, feijão, milho, mandioca, café, leite, porco, galinha, jenipapo, sapoti, cana de açúcar, banana, tamarindo, cupuaçu, dendê, acerola, mamão, amendoim, manga.

Madeiras: bandarria, cedro rosa, teca.






Clodomir, morador na linha 156, km 14, lado norte, Município de Novo Horizonte d'Oeste, observou que “quando não é planejado, faz igual à gente, que ao chegar aqui derrubamos tudo nas nascentes e nas beiradas dos rios. E hoje temos que correr atrás de proteção. Isso serve para tudo que a gente vai fazer. Apesar de algumas dificuldades, jamais tenho vontade de vender a minha propriedade, porque foi a primeira que eu possuí aqui em Rondônia e vai ser de onde vou continuar tirando o sustento da família. Posso até comprar mais terra, mas aqui, nesta linha, e pretendo morrer em cima dessa primeira propriedade, porque foi nela que fiz minha história de vida”.

*“O agricultor faz o planejamento da sua propriedade com diversificação de culturas e o resultado aparece na renda familiar. Se a gente não fizer um bom planejamento, futuramente não vamos estar aqui. Mas, com a Apruram fazendo um trabalho desse, com certeza vamos ficar onde estamos para que nossos filhos e netos possam ter uma renda grande numa área pequena.” (José Wilson)*

## Ficando na terra, conquistando sonhos e criando um espaço melhor para se viver

Começamos a ver a possibilidade de viver bem onde estamos — nos fixar. Viver e fazer do lugar alguma coisa boa. A terra e a propriedade passaram a assumir outros significados. A terra é lugar para produzir, que passa a produzir mais com o novo sistema, mas é também lugar de experimentação e de pesquisa. O produtor é um observador e um experimentador que arrisca, tenta, descobre. A propriedade é um lugar para produzir, para morar, mas se torna especialmente um lugar mais agradável no mundo, porque há mais saúde, mais beleza, melhor convivência, ajuda mútua e a família conseguindo manter-se unida — os filhos não precisam mais sair para trabalhar, se aventurar por aí. A família produtora consegue maior renda, segurança, organização, autonomia, conhecimento, consciência e exercício da cidadania. A entidade que representa as famílias produtoras cria estrutura para a produção, o beneficiamento e a comercialização, mas também entra na luta política, propõe políticas públicas e tem ganhos nessa área.

“Se não fosse esse trabalho, será que não teríamos de vender o sítio e buscar outra alternativa em outro lugar, ou derrubar mais mata em outro estado, como está fazendo muita gente, indo para o interior do Estado do Mato Grosso?”  
(José Luis)



“Eu nunca tive vontade de vender a propriedade. No ano de 1975, eu vim aqui com intenção de comprar a terra, como comprei na época, e permanecer nela para criar minha família. Não fiz como muitos, que fizeram da terra um meio de negócio e só quebraram a cara. Peguei do Incra para viver da terra. E hoje vejo que a propriedade é uma fonte segura de sustentação. Não vejo alternativa para as pessoas que saem daqui e vão para a cidade tentar mexer com alguma coisa, se ela não for primeiro preparada para fazer aquilo. E nem para as pessoas que vendem e partem para regiões novas para começar tudo de novo. Mesmo porque a gente é testemunha dos que já fizeram isso e apenas 1% deu certo. O restante deu errado.”  
(Roque)

## Integração da família

Trabalhamos, também, nesse mesmo tempo, a integração da família, no intuito de resgatar a importância da atividade do próximo e a integridade do homem do campo, provando, assim, a importância de cada um e de todos na cadeia produtiva. Às vezes, o próprio produtor se esquece disso e perde o estímulo.

José Wilson, linha 172, lado norte, observou que esse objetivo de trabalhar a integração da família é muito válido, porque “nossos filhos e nossas esposas estarão prontos a tocar o barco. Eles já passam a somar com a gente.”

“Quando começou esse trabalho de reflorestamento, a Apruram começou a pedir que a gente envolvesse mais os filhos. E lá em casa temos muito diálogo com os filhos, nunca saímos para uma reunião sem informar direitinho o que vamos fazer. Mas, mesmo assim, sabemos que não é a mesma coisa de quando eles estão ali, compartilhando as idéias da gente.” (Maria Cristina, 172, lado norte).

“A gente se espelha nos exemplos que estão dando certo e mostra esses bons exemplos para os filhos, que às vezes ficam impacientes com alguma coisa. Em termos gerais, existem muitas dificuldades causadas pela má administração familiar e pela desagregação dos membros da família. Por exemplo, na nossa família, que é bastante grande, existem três com um destino e dez com outros destinos. Então, é mais ou menos isso que dificulta o planejamento do que a gente quer fazer na propriedade.”(Roque).

“A diversificação é um bom incentivo para a família, porque ajuda muito nessa parte de manter todos trabalhando unidos.”  
(Osmar).





“Não é preciso  
desmatar para  
sobreviver. As  
florestas são  
vidas cheias de  
vidas morando  
nelas.”

(José de Assis)



## Protegendo o meio ambiente

Ao revermos o lançamento desse trabalho, a história de nosso difícil começo, encontramos as mais diversas contradições. Encontramos pessoas que não acreditavam e até nos condenavam, dizendo que seria como certas culturas que são implantadas mas que, ao chegar a hora da comercialização, não há escoamento. E também encontramos pessoas conscientes, que nos aceitaram simplesmente pela questão ambiental.



“Sobre a questão ambiental, eu vejo que esses consórcios já são um negócio bom de início. Mas, para as gerações futuras, será de grande importância. Porque nós entramos primeiro com o desmate da natureza nativa e própria, sem pensar no futuro, porque não tínhamos noção do que poderia acontecer: que haveria falta de água, lenha, frutas e outras coisas mais. Essa programação de trabalhar com reflorestamento consorciado é muito boa porque, como benefício financeiro, tivemos rapidamente a produção de cupuaçu. Depois os outros, com um pouco mais de cautela. Mas, se tivéssemos consciência mesmo, nem nos preocuparíamos com o lado financeiro, porque só o bem que estamos fazendo para o meio ambiente, protegendo a terra do degradamento, da erosão, e protegendo o tempo climático como a chuva, não tem preço maior. Isso é muito importante.” (Roque, 192, lado norte)



Harmonia entre espécies florestais/frutíferas e o surgimento de nascente na área de Safs.

Podemos dizer que a conscientização para a questão ambiental vem acontecendo em diferentes níveis. Existem aqueles que procuram fazer alguma coisa por medo das conseqüências práticas – por exemplo, a questão de ter que reflorestar porque o Ibama mandou. Outros, porque querem ter acesso aos benefícios da Central e, então, entram no compromisso de plantar áreas de consórcio. Mas há aqueles que trabalham a partir da consciência ecológica mesmo. Há, ainda, pessoas que começaram por uma razão qualquer, mas se conscientizaram no decorrer do processo.

“Despertei para a preservação do meio ambiente por causa da participação na Associação, que esclareceu o que devemos fazer. Antes, não tinha conhecimento nenhum. Ficava destruindo as matas, só derrubando e depois deixando virar capoeira, o que futuramente é ruim. Com a Associação, dividimos a área, começamos a fazer os consórcios, no sentido de preservar o meio ambiente, para ter alimentos para os animais, enriquecer a água, salvar nossos poucos rios e dar segurança para a sobrevivência de nossos filhos. Se não levamos a sério esses fatores, se não nos enxergarmos como parte do meio ambiente, a tendência é só acabar, só destruir.” (José Wilson, linha 172, km 21, lado norte).





“Onde tem o consórcio agroflorestal, a terra é fresca, o clima saudável, a renda segura, e tem abrigo para os pássaros e animais. Uma terra totalmente desmatada é uma terra sem vida. Onde há consórcio, há vida! Um sítio sem os consórcios é sem sentido, parece que tudo vai se acabando.” (Aninha, 180, lado sul)



Há alguns anos, quando falávamos de preservar a água, as matas, os bichos, o pessoal ria, dizia que éramos meio bobos, meio doidos. Diziam: “Vai entrar pro circo, cuidar de macaco?” Mas, hoje, está sendo visto que é mais fácil conversar com o povão sobre isso. O modelo que estamos implantando é o que vai continuar acontecendo, porque as pessoas já estão entendendo a necessidade ambiental.

“Hoje, os produtores falam: não adianta plantar milho e arroz, porque os macacos, os periquitos e maritacas comem tudo. Isso é porque faltam alimentos na natureza para os animais silvestres. Por não planejar, o homem foi só desmatando, desmatando. Então, os animais se vêem obrigados a buscar alimentos nas nossas roças para sobreviver. E eles estão no direito deles. O que falta é todos nós nos conscientizarmos e plantarmos, em todas as cabeceiras de rios, árvores frutíferas para servir de alimentos para os animais e para os peixes também. Buscar reflorestar mesmo, porque isso é a realidade de hoje. E daqui a alguns anos, como vai ser? Podemos notar que esse descontrole biológico é geral, como o que acontece nas lavouras que não têm mais aqueles bichinhos da defesa para controlar as pragas e as doenças das plantas. O fogo e os venenos mataram os insetos benéficos, dando espaços para os invasores. A natureza é perfeita, ela está mostrando a ação do homem e, de uma certa maneira, está nos penalizando pelos nossos atos. Acredito que o retorno ambiental é mais importante, porque precisamos ter a consciência de que, preservando a natureza, vamos ver o retorno, e, em contrapartida, virão benefício financeiro.” (Maria Cristina, 172, lado norte)




## Protegendo a saúde: fora com os agrotóxicos!


Os produtores ligados à Apruram diminuíram em cerca de 70% suas queimadas. Muitos não usam mais o fogo. Deixam o mato virar palhada, virar adubo orgânico. Hoje as pessoas quase já não queimam pasto na nossa região, porque sabem que queimar não dá futuro. Quando queima o café, é só a galhada, fogo superficial. Estão mudando o sistema. Há lugares em Rondônia onde um carro não consegue viajar de dia por causa da fumaça das queimadas. Na nossa região, isso já não acontece.

Em 1994, na época da eleição da diretoria da Apruram, um parceiro nosso, que foi muito importante na fundação da Central, foi hospitalizado em estado grave e terminou falecendo, aos 21 anos de idade, vítima dos agrotóxicos. Companheiro, trabalhador rural, residente na linha 148, km 12, sentido sul, foi fundador da associação de sua linha e sócio-fundador da Apruram, onde exerceu o cargo de tesoureiro nos dois primeiros anos de vida da Central. Nosso companheiro foi reeleito, mesmo estando hospitalizado. Era um menino inteligente e sonhador, que deixou uma esposa grávida da sua primeira filha, pais, familiares e companheiros de trabalho. Somente a partir desse triste fato passamos a nos preocupar com os agrotóxicos.

Temos batido forte nessa questão, desde a morte de nosso companheiro Civaldo. Tivemos vários depoimentos de problemas de saúde e até de morte por causa dos venenos. Com o trabalho desses anos, diminuiu muito o percentual de compra de veneno aqui na região. Alguns produtores ainda usam, mas em número cada vez menor. Uma das nossas bandeiras de luta é contra o uso dos agrotóxicos, que só traz prejuízos para as pessoas e para o meio ambiente.




“É a falta de conhecimentos por parte dos produtores que causa gravíssimos problemas para a saúde e para o meio ambiente. O mato prejudica a cultura de uma certa fase para a frente, mas, enquanto novo, até a florada, ele é bom para a planta, porque segura a umidade do solo, evita a enxurrada que lava toda a parte fértil da terra, e não deixa que o sol queime os nutrientes de que a cultura precisa.”  
(Ademir, 192, lado norte, do Grupo Conjunto do Povo).



Maria, da linha 192, lado norte, é totalmente contra o veneno porque “deixa o homem assim meio borocoxô, fica meio vai mas não vai, não quer enfrentar enxada, etc. O alimento da gente já vai para o organismo contaminado com agrotóxicos. E não sei por quê. No meu tempo, o povo usava era enxada, era cheio da força que Deus dava, porque a gente não cansava. Agora, hoje, que saúde que nosso povo tem? Quem tinha chance de viver 50 anos vai viver apenas 30, por aí, mais ou menos.”

“Tenho uma lavoura de café que está com 19 anos. Até os três primeiros anos não usei agrotóxico e a produção foi muito boa. Daí para frente, passei a usar. Então, cada ano que passa venho produzindo menos, porque o solo em que se usa muito veneno vai ficando pilado. E, como consequência, a gente vê a produção caindo dia a dia. A maior preocupação que eu tenho é a falta de preparação que os nossos produtores têm para usar o veneno. Você pode chegar em alguns lugares que vai ver produtores trabalhando com o veneno só de bermuda, descalço ou de chinelo, quer dizer, sem o mínimo de preparo. Acho que as consequências vão vir mais tarde.” (Otelino, da Associação dos Produtores Rurais Para Fins Mútuos- Aprufim, linha 164, km 22, lado norte – Castanheiras).

“Veneno é muito perigoso. Um dia eu estava passando veneno de broca e pingou uma gota na água do rio. No mesmo instante, observei que morreram dois peixinhos lambari”. (Lucimar, morador da linha 180, km 13, lado sul).



“Estamos percebendo que já existem resultados, mas a passos lentos. Seria bom se os governantes criassem leis contra o uso de agrotóxicos, porque não adianta nada fazer propaganda na televisão para proteger o meio ambiente, a fauna e a flora, mas deixar esse abuso das empresas internacionais tomando conta dos produtos químicos, das sementes e dos remédios da farmácia. Tem pessoas que falam: ‘Eu mexo com veneno há tanto tempo e nunca me aconteceu nada’. Mas a intoxicação não é imediata em todas as pessoas. Normalmente vai acumulando no corpo e, às vezes, daqui a 10, 15 anos, aparece o problema. Deveria ter uma proibição do uso exagerado e da maneira inadequada de manipular os agrotóxicos, porque, se a sociedade fica doente, os órgãos públicos gastam com isso.” (Marta, 172, lado norte).

## Fartura: diversidade também na mesa

No começo, a maioria das pessoas que chegou aqui só se alimentava de arroz, feijão e carne. Era o que tinha no terreno. Só comia aquilo, nada mais. Hoje, tem o palmito, o cupuaçu para tomar o suco, um canavial que rende para o gado e para fazer garapa, e muitas frutas que entram para a alimentação. As famílias usam o mel e seus derivados, e a alimentação e a saúde melhoraram muito. Estamos trabalhando numa mudança de mentalidade, criando uma concepção de alimentação melhor. Havendo mais saúde, a vida será melhor. E isso é bem prático.

Nós, produtores, nos orgulhamos de dizer que, em nossas famílias, diminuiu a compra de refrigerantes. Usamos agora mais sucos de frutas. E sucos naturais! Não corremos atrás de alimentos enlatados. Hoje em dia se vê muita gente do campo indo à cidade comprar mandioca, abóbora, verdura, frango congelado... Aqui não tem disso!

## Renda e outros ganhos econômicos

Com a diversificação, a renda melhorou. Se não tem renda em um produto, tem no outro.

“Hoje, aqui é o meu lugar. Porque a gente sabe que tem a polpa de cupuaçu, produz guaraná, produz arroz, feijão, dá para vender no mercado, sobreviver. Eu vendo para a Associação. Só tenho que manter o controle. Mas o básico é diversificar a produção, porque daí você sabe que tem uma renda de uns mil reais por mês. Se você for pensar, tem que ser um empregado bom para ter uma renda dessas. Só tem quem diversifica. Do contrário, o cara tem lá 500 vacas e 300 alqueires de terra, tem uma propriedade boa e o lucro é bem baixo. Se for somar na caneta, ele pode estar no vermelho. Não vou dizer que vou ter grandes lucros, mas somo, na caneta, todo final do ano. Eu sei que tenho um lucro anual entre 18 e 22 a 25%. E como cheguei a isso? Sozinho? Não! Com a Associação, um acreditando no outro.”  
(Aparecido)

Dá para ver que a estrutura das pessoas, das famílias, melhorou. “Eu me lembro do Sr. Adelício saindo da linha 186 e indo até a 51, de bicicletinha, para fazer reunião. Ele tinha essa paciência de chegar lá e dizer: ‘Eu vim para a reunião.’ E, depois, voltar para casa cansado para, no outro dia, retomar o serviço. O nosso público, o que eles tinham para andar era uma bicicleta. Hoje já ninguém vem para uma reunião de bicicleta: é de moto ou de carro”. (Aparecido).



“Madeira  
 está em  
 decadência  
 no mundo!  
 A poupança  
 garantida  
 são as  
 madeiras.  
 Aroeira vai  
 servir para  
 cerca, vai  
 servir para  
 estruturar a  
 propriedade.  
 Daqui a mais  
 dez ou mais  
 vinte anos,  
 como é que  
 vai arrumar  
 madeira? Só  
 quem tiver  
 madeira  
 é que vai  
 ter esse  
 privilégio.”  
 (Adelício)



As mulheres falam da melhoria nas casas, nos eletrodomésticos. Os jovens já podem vislumbrar um futuro, já fazem alguma renda trabalhando na propriedade junto com os pais e podem se casar com a segurança de que vão conseguir manter a família.

“Muitas pessoas vendem suas propriedades e vão para a cidade atrás de uma renda mensal, outros plantam muito de uma coisa só (monocultura), pensando em fazer futuro e depois não fazem. Mas, se o produtor seguir a orientação e fizer a implantação de um consórcio, como, por exemplo, café x cupuaçu + a vaca de leite + a horta e a criação de galinhas caipiras, a esposa já pode tirar sua renda, levando, toda semana, verduras e ovos para vender na cidade. Dessa maneira, você vai ter dinheiro mensalmente. Com isso, a gente parou e pensou que nosso lugar é aqui, já que estamos tendo esse rendimento. É pouca a área de terra, mas vai tendo o lucro que não tinha no passado. Com esses consórcios, você pode viver bem aqui, você e sua família, é só ter planejamento. Digo isso por experiência própria, porque fiz um consórcio de 400 covas de café e 140 de cupuaçu. No ano passado, fiz R\$ 1.500,00 de cupuaçu, e do café, nada. Fiz R\$ 1.500,00 em uma área que mede pouco mais de meio hectare. No restante de um hectare somou-se um valor de R\$ 6.000,00. Imagina se fosse uma área maior! Acho que não tem o que falar, é uma beleza mesmo trabalhar com os sistemas de consórcios.”  
 (José Wilson).


Vemos o plantio de madeira como uma forma de poupança que traz benefícios ambientais, porque as madeiras estão ficando cada dia mais difíceis e os produtores, ao plantar, estão garantindo seu futuro.



Outro benefício desses reflorestamentos consorciados com as culturas tradicionais e perenes é que, com o sombreamento, diminui a mão-de-obra, pois aparecem poucas ervas daninhas. Com isso, é reduzido, também, o uso de agrotóxicos nas propriedades onde as áreas são manejadas: enquanto novas, com capinas e, quando formadas, com roçadas.

“Esse trabalho da Apruram com parceria do PDA é bom porque nos orientou como zelar das matas e reaproveitar as áreas desmatadas. Teria que ter começado há mais tempo e ser mais intenso, porque existe um ditado que diz: ‘capim espanta vizinho’. Aliás, o gado branco ocupa muito espaço, diminui a mão-de-obra que serve para as pessoas ganharem uns trocos na diária, tocando o homem do campo. Normalmente, enquanto as criações estão gastando sal, minerais, vermífugo, vacinas e vitaminas, deixando o gado gordo e bonito, os cuidados com a família ficam meio esquecidos. Principalmente as crianças sofrem com esse sistema. Não adianta o pequeno ter cabeça de grande, querer que o que dê certo para ele é o que os grandes fazendeiros fazem, que só vai se dar mal.” (João Marcelino, 172, lado norte).

Um ganho importante é com a saúde. Usando menos veneno, nossas famílias se alimentam melhor e com menos riscos. E o produtor que não aplica veneno também não corre o risco de estragar sua própria saúde.

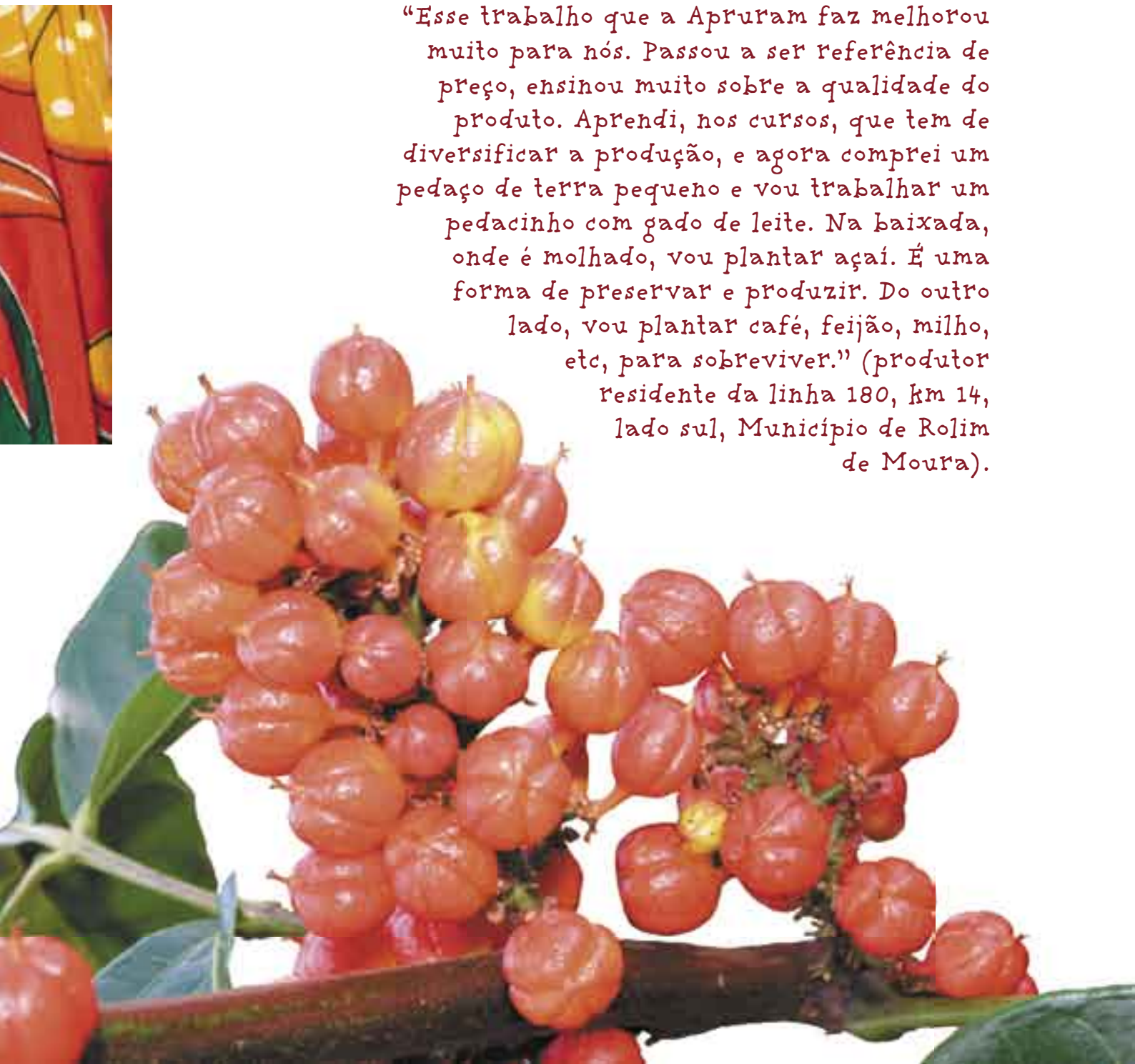


“Às vezes não aparece, mas estamos doentes. O processo costuma ser lento para cair no sangue. Esse chega a ser um benefício maior que o financeiro, porque, se alcançamos isso, mais saúde, já reflete no bolso também.” (Marta)

“Esse trabalho com a diversificação auto-sustentável tira o pessoal de plantar culturas anuais todo ano, de fazer dívida com compras de veneno, porque muitas vezes não sobra nada além de prejuízos. Porque, antes, a produção não dava para pagar a agropecuária, e trazia também prejuízo para a terra e para a saúde.” (Vanderlúcia, 196, lado sul)

# Comerciali

“Esse trabalho que a Apruram faz melhorou muito para nós. Passou a ser referência de preço, ensinou muito sobre a qualidade do produto. Aprendi, nos cursos, que tem de diversificar a produção, e agora comprei um pedaço de terra pequeno e vou trabalhar um pedacinho com gado de leite. Na baixada, onde é molhado, vou plantar açaí. É uma forma de preservar e produzir. Do outro lado, vou plantar café, feijão, milho, etc, para sobreviver.” (produtor residente da linha 180, km 14, lado sul, Município de Rolim de Moura).






# Zaçaõ

## Qualidade da produção e visão de mercado

Visando às duras exigências do mercado, era necessário trabalhar a qualidade da produção para garantir a continuidade das atividades. A idéia de uma agricultura auto-renovável e mais duradoura resolveu a maioria das dificuldades causadas pela monocultura. E a Apruram precisava garantir a qualidade da produção e a boa comercialização dos produtos.

Com o passar do tempo, estamos nos aproximando dos atravessadores novamente, só que dessa vez com visão melhor e ampla de mercado e com ótimas metas traçadas para vencer esses obstáculos a favor dos agricultores. Após tomarmos as dores dos produtores e mergulhar de corpo e alma nessa batalha para inibir, em parte, a forma de atuação dos atravessadores, passamos a ser reguladores de preço na região. Essa atitude teve grande repercussão financeira para os beneficiários, que são os produtores.



“Antes desse trabalho da Apruram, os atravessadores tinham um esquema montado. Quando eu procurava o preço de um cereal para a venda, e não vendia para aquele atravessador, antes de chegar até o outro já se sabia que eu ia procurar preço. Então o segundo atravessador jogava o preço lá embaixo, para eu voltar e morrer na mão daquele primeiro. E assim todos faziam. Está confirmado que, antes, os atravessadores faziam o que queriam com os produtores. Mas, com a chegada da Apruram, passou a ter um controle de honestidade na comercialização.”  
(Francisco, 172, lado norte).

## A crise do café e a mudança no foco da comercialização

Em 2004 e 2005, a Apruram parou de comprar o café dos associados para vender. Porém, continuou ajudando muitos produtores a vender seu café por um preço melhor. Por exemplo, quando o valor da praça estava entre R\$ 123,00 e R\$ 124,00, a Apruram conseguiu vender a saca do café por um valor entre R\$135,00 e R\$ 138,00.

“Para aqueles produtores que continuam acreditando na organização, vamos continuar vendendo o café. Mas paramos de comprar. E paramos porque, ao comprar, a Central fica muito vulnerável, já que o mercado do café é muito oscilante. Até aqui, é o produtor e nós, que somos a mesma espécie, temos o mesmo jeito. Daqui para fora, a comercialização é feita por corretor e cerealista. Café é cotado em bolsa... Por isso, existe muita picaretagem e grande risco nesse mercado. E a Apruram não tem como encarar esse risco, não tem capital para isso. Os cerealistas também tiveram problemas comerciais, quebraram muito. Os pequenos estão quebrando. E nós não podemos perder dinheiro, não podemos correr esse risco. porque a receita da Apruram vem por meio da economia. E economizamos muito! Não temos grandes projetos, só tivemos recursos do PDA até hoje, e tudo o mais, nosso capital para compra e venda, é formado pela economia que fazemos. Nossa economia é ganha junto com os produtores, ao comercializarmos seus produtos.

Agora, a Apruram está realmente no papel dela, porque antes acabava entrando no serviço do cerealista. E não vamos parar, vamos trabalhar a fundo na diversificação, porque aquele produtor que tem várias rendas não sofre dificuldade de maneira alguma. Vamos trabalhar nesse espaço, só beneficiando o café, ajudando a vender, e entrando nos pequenos produtos, na diversificação.” (Aparecido e Adelício).

Todos nós, diretores e associados, acreditamos que, por isso, o grande desafio para a Apruram, hoje, é colocar sua agroindústria de polpas de frutas em funcionamento. Acreditamos que vamos saber lidar com um dos maiores problemas que todas as iniciativas semelhantes enfrentaram e continuam enfrentando, que é a falta de capital de giro. Como o forte da Apruram sempre foi a comercialização, já conhecemos as dificuldades e trabalhamos sobre a base de confiança dos produtores. Será uma etapa nova, com novas dificuldades, mas que a Apruram está pronta para enfrentar e vencer.



## Produtores trabalhando em prol de produtores: a base da confiança

Osmar, da linha 192, km 10, lado norte (Conjunto do Povo), acredita que a parte de incentivo é o encontro da confiança nos trabalhos da Apruram e nas pessoas que lá trabalham. “Existem alguns lugares aonde a gente vai vender os cereais e fica todo desinquieto, desconfiado, com a sensação de que estamos sendo lesados. E, na Apruram a gente chega assim tranqüilo, porque deposita confiança nas pessoas. Eu tenho a coragem e o costume de só entregar a mercadoria e deixar por conta deles. Sei que não vai acontecer nada de errado, porque são produtores trabalhando em prol de produtores. E essa confiança que eles conquistaram é muito bom para a associação. A terra é suficiente para dar estabilidade, o que depende é da gente esquematizar para que todas as pessoas que pertencem a uma mesma área, trabalhem com a organização da produção”.



“Antes da Apruram, levávamos o produto para vender, mas não sabíamos o que tínhamos. Hoje, por causa dos cursos sobre a qualidade da produção, passamos a conhecer o que temos e o que vendemos, fazendo com que deixemos de ser roubados.” (José Bratiliéri, sócio da Afar, associação instalada na linha 180 lado sul, Rolim de Moura).







“Antes, ninguém sabia os preços dos produtos. Hoje, a gente é informado de mercado e de valores.” (José Ferreira, da linha 180, km 08, lado sul)

“Minha primeira associação foi com meu irmão, numa bicicleta. Depois, logo no começo que chegamos aqui, tentamos formar uma associação de produtores. O pessoal mais idoso falava assim: rapaz, associação não dá certo nem entre mulher e homem! Nossa primeira associaçãozinha não deu certo, mas depois começamos de novo e aí, levantou!” (Aparecido, presidente da Apruram)




## Todos juntos somos fortes!

Para os sócios da Apruram, está claro que só estão conseguindo ter algum lucro anual, sem “ficar no vermelho” como muita gente que só tem vacas na propriedade, graças à Associação, confiando um no outro e trabalhando em conjunto. Houve pessoas que saíram da Associação e hoje estão querendo voltar, porque quem saiu só perdeu e tem muito ainda a perder. Estamos vendo que o caminho é a associação, não adianta desviar para outros lados, porque sozinhos não vamos a lugar algum.

Também não se pode dizer que somos uma potência, como muita gente diz. Mas somos pequenos produtores que trabalham com cabeça firme. Quando surgiu a Apruram, não tínhamos experiência nem conhecimento, mas tínhamos vontade de fazer as coisas. Achávamos que tudo era fácil. Mas as coisas são difíceis. Sofremos muita perseguição dos cerealistas, que iludiam muito os produtores.

“A Apruram é um caminho aberto para a agricultura, porque, se não existisse a Apruram hoje, o que seria de nós na hora da comercialização? Ela abriu caminho para aprendermos a valorizar o nosso produto. É uma coisa que vai passando de pai para filho, como também esses plantios conjuntos, que são muito bons. E tem que ser por aí, porque, antes, todos tinham que vender o café em coco, mas, com a chegada da Apruram, o quadro mudou: passamos a vender café limpo (beneficiado).” (Paulo da Silva, linha 172, km 21, lado norte).

Outro aspecto importante é a parceria com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), que também está trabalhando com uma agenda ambiental. A Apruram é parceira do STR que, por sua vez, internalizou a importância da questão ambiental e das novas formas de produzir. No movimento sindical, a Federação dos Trabalhadores Rurais vem trabalhando também muito seriamente em Rondônia, inclusive com áreas experimentais de recomposição de mata ciliar. Muitas instituições, grupos e pessoas procuram a Apruram para conseguir mudas – escolas, prefeituras e, quem diria, até inimigos, como os cerealistas. A Apruram recebe gente de universidades, promotores, pessoas de todo tipo, interessadas no trabalho e nos bons resultados.



“Apruram é união e informação. Nós somos filhos dela. Estamos no céu, tudo que plantamos produz, e existe a Apruram para nos defender dos atravessadores”. (Gelson, linha 172, km 14, lado sul).

“O projeto ajudou a melhorar a entidade própria do produtor, o que refletiu na melhora da renda da família. Também deu sustentabilidade para a associação buscar novas alternativas para as famílias e para o meio ambiente.” Essa opinião, de Toninho (156, lado norte), é compartilhada por todos.

# Conclusões, aprendizados e recomendações

Esse trabalho de sistematização foi muito importante porque deu às pessoas uma ampla oportunidade de se expressar. Com isso, colhemos informações para os nossos relatos e nos demos conta de que ainda temos muito por fazer.





Tivemos um pouco de dificuldade para fazer a sistematização porque somos um povo que trabalha muito, sabemos muito conversar e contar a nossa história, mas, para escrever, temos dificuldade. Mas conseguimos. Como resultado da sistematização, temos a aprendizagem da equipe e dos produtores, que vai ser usada no dia-a-dia das famílias, comunidades e associações. Deu-se total importância em viver registrando, analisando e planejando. Assim, foi satisfatória a participação e a aceitação dessa nova técnica chamada “sistematizar”.

Com a mudança para sistemas agroflorestais, preparamos nossos produtores para o melhoramento da produção, colhendo mais e com melhor qualidade, o que facilita o beneficiamento e a comercialização.

A maioria desses produtores veio de outros Estados, dos quais tiveram que sair porque o sistema não deu sustentação. Muitos foram primeiro para o Paraná, onde a mecanização foi muito cruel e também impediu as pessoas de ficarem por lá. Chegaram a Rondônia e enfrentaram dificuldades de todo tipo, como malária, outras doenças, falta de tudo... E agora está havendo uma migração interna.

Existe um sistema, de muita pecuária e monocultura, que não é suficiente para o pequeno sobreviver. Então, foi muito interessante, quando, na sistematização, as pessoas começaram a buscar tudo isso que fica esquecido, porque estamos querendo construir um novo modelo de agricultura com a nossa biodiversidade. Não é só pasto e café, mas muitas coisas que estão ficando para trás e que temos que buscar.

## O trabalho com não-sócios

Achamos importante ressaltar o apoio que temos dado aos produtores não-sócios. Além de aproveitar a produção dos sócios beneficiados do projeto, comercializamos ou ajudamos a comercializar toda produção de frutas de nossa região. A produção dos não-sócios ajuda no montante de matéria-prima, barateando o frete, pois daí temos carga fechada para transportá-la. O sócio e o não-sócio são tratados com o mesmo carinho. O primeiro é beneficiário direto, com seus privilégios de ser dono e ainda receber apoio do segundo, que também quer vender sua produção. Com isso, o sócio é beneficiado no custo do frete — o volume maior facilita o custo do transporte. Só que, para comprar o produto daquele que não é sócio, temos alguns critérios. Perguntamos para a associação na linha como é esse produtor. A associação é que indica se a pessoa é boa, confiável, amiga de todo mundo, e que ajuda o próximo.

Lá na linha, a Associação, que é ligada à Apruram, fortalece todo mundo. A comunidade se reúne, passamos e informamos o que está acontecendo, o preço do produto, do café, da limpeza<sup>15</sup>. Então, geralmente, todo mundo se beneficia. No caso da renda do café, todo mundo levava prejuízo quando não existia a Apruram. Agora, o produtor da Apruram é beneficiado com boa renda, e, lá fora, os outros produtores já reclamam e também são beneficiados. Sabemos que esse apoio da Apruram ajuda muito no crescimento do próprio nome da Central. Porque, em relação a tudo que é feito, as pessoas dizem: “Foi a Apruram que fez, que apoiou, que incentivou.” Com isso, o nome da Apruram vai ficando cada vez mais forte.

15 É o beneficiamento do grão de café.

## Observando as mudanças, tirando lições e encarando os desafios



Os produtores da nossa região já passaram por muitas dificuldades em razão dos programas eleitoreiros. Hoje, muitos produtores familiares já estão tendo condição de segurar seus produtos para vender na hora certa, porque essa pequena renda produzida nos sistemas agroflorestais ajuda a cobrir suas despesas. É importante o fato de a produção das frutas vir no período de entressafra das culturas anuais, numa época em que o produtor não tem nada para fazer seu dinheirinho. Daí, todo pouco que ele faz torna-se muito. Os produtores de nossa região que ainda não aderiram a esse sistema ficam desesperados quando chega o período de entressafra, porque não têm como apurar seu dinheiro. Então, procuram os atravessadores e vendem o café na folha<sup>16</sup>, pela metade do valor de uma saca. Comprometem suas lavouras e ficam na mão dos atravessadores. Aí está a maior importância dos consórcios e da diversificação da produção, porque o

<sup>16</sup> Vender o café ainda antes de colher.

produtor passa a ter suporte para não ficar dependendo desse processo.

O trabalho de produção, beneficiamento e comercialização de produtos dos sistemas agroflorestais deu suporte e firmeza para que a Apruram se tornasse forte para enfrentar essas barreiras. Com isso, ganham os produtores, as associações, o município, o estado e o País, com o pagamento de impostos. E como é satisfatório para nós, coordenadores da Associação e do projeto, vemos o produtor receber seu cheque e agradecer a Deus e a todos por ter aproveitado seus produtos, que há vários anos vinha perdendo, e ainda dizer de boca cheia: “Agora vou segurar meu café para vender depois que acabar de colher e pegar melhor preço”. Ou dizer: “Já posso comprar uma geladeira ou um fogão para pôr dentro de casa.” Tivemos casos aqui em que o produtor teve condições de comprar até uma moto!

Nesse processo de sistematização, constatamos que, a partir de todos esses trabalhos, mais especificamente da diversificação da produção, a vida familiar do produtor mudou e a propriedade passou a ter mais sentido, porque voltou a produzir de tudo, deixando-o menos dependente do comércio. Proporcionou-se uma maior integração da família, dando mais segurança aos filhos, que não

sentem a necessidade de sair em busca de empregos. Para os produtores curiosos, a propriedade torna-se um laboratório de pesquisas, pois passam a trabalhar com base nas experiências já adquiridas. Conheceram alternativas para se alimentar melhor e ter mais saúde. Observam que a propriedade torna-se um ambiente mais agradável, pela mudança do clima, do solo, pelo melhor desenvolvimento das plantas, etc. Também a autonomia intelectual das pessoas aumentou e a ajuda mútua passou a ser bastante visível. Observamos, nos encontros de sistematização, que aquelas pessoas que mais diversificam no plantio são as que têm mais bagagem para passar para os outros. Aprendem muito. Mudou também a auto-estima, o conhecimento de si próprio. Como pessoas, não ficamos mais tão vulneráveis, seguindo pela cabeça dos outros, mas conhecendo melhor a nós mesmos.



*“Uma riqueza que a gente sente é a facilidade de que, em toda casa em que a gente chega, nesse mundão aí, a gente almoça. Na casa de um, na casa de outro. Isso é uma coisa que enriquece demais a gente, como diretor. Os companheiros se sentem satisfeitos quando chegamos à casa deles e têm prazer em oferecer comida. E em todo lugar que a gente chega vê fartura, vê que o pessoal tem o que comer”.*  
(Adelício).





Outra coisa importante é a fartura. Quando você chega à casa de um produtor e encontra fartura, você está na casa de um verdadeiro homem rico, porque tem uma propriedade, uma família, as coisas estão controladas e tem fartura advinda da produção de sua própria família.

Isso é resultado de muita garra, muita luta. O pessoal que passa pela Associação, pelos grupos da igreja, pelo sindicato, está mais preparado para vencer e permanecer. Nós, camponeses, acreditamos que riqueza não é o dinheiro, é a riqueza de vida. É ter uma vida mais calma, mais tranqüila. É ter amizade.

A sistematização ajudou a nos sentirmos mais fortalecidos no que fazemos e a podermos dar uma demonstração para a maioria do povo. A coordenação da Apruram sente-se bastante estimulada nesse trabalho de produção, beneficiamento e comercialização dos produtos de sistemas agroflorestais. Isso passou a refletir sobre a organização da propriedade, sobre a renda das famílias, sobre o meio ambiente, sobre a qualidade de vida das famílias rurais na alimentação, saúde, segurança, convivência e consciência. Com seu trabalho, a Apruram representa, hoje, as famílias

rurais não só na hora de criar infra-estrutura para a produção, beneficiamento e comercialização, mas também propõe políticas públicas. E tem alguns ganhos com essas atitudes, como a conquista, em 1992, da comercialização via AGF.

A sistematização nos permitiu ver que foi feito muito para o controle do uso indiscriminado de agrotóxico, mas que esse trabalho deve prosseguir porque ainda há muito o que fazer. Constatamos também o surgimento de nascente em uma área de consórcio, o que é um impacto muito positivo para o meio ambiente. Percebemos que devemos criar um banco de sementes originais (crioulas) para tirar o produtor da dependência de comprar sementes híbridas todo período de plantio. Esses são alguns dos desafios que a sistematização apresentou para a consolidação das ações.

## Recomendações para quem quiser seguir um caminho como o nosso


Se fôssemos recomendar a alguém que está começando, com base em nossa experiência, diríamos que um erro é não buscar informações, não correr atrás, não buscar quem sabe, não procurar conhecimento com quem entende. Uma recomendação é que não se pode pensar que não dá certo. Tem que investir sem medo. Outra coisa é não ter pressa. Tem que ir com calma, vendo quem está pensando igual, para juntar mais ou menos em grupo. Também é importante buscar parcerias.

É muito importante participar juntos de reuniões, pois ali se aprende muita coisa. Trabalhar junto, unido, ver a mudança de alguém e começar também a mudar.

Foram muitos os desafios no nosso caminho, mas vencemos. O primeiro passo é fazer trabalho de base, descobrir o que se quer, as demandas, as necessidades. Para começar, as pessoas que querem fazer projeto juntas, mudanças, têm que se conhecer. O grupo tem que se conhecer e se acertar, desfazer as diferenças antes de começar o trabalho.


E é preciso paciência. Vale a pena, é viável, dá resultado. Mas tem que esperar. Nós somos daqueles que têm muita paciência para chegar aonde chegamos e aonde ainda queremos chegar.





No começo, algumas pessoas só queriam financiamento, pensavam só em pegar um recurso, estavam interessadas só no enriquecimento. Não pensaram nas dificuldades da associação. Mas, quem ficou pensa em organização. Aqueles que só queriam tirar proveito ficaram para trás e não se pode seguir com eles.

Mas, para quem quiser começar, se houver mais um, é mais um para lutar. Nós, um dia, vamos mudar a sociedade, mas não é do dia para a noite. Quem quiser vir, venha. É difícil, mas não é impossível. Um dia chegaremos lá! Mas, para isso acontecer, é preciso coragem, muita coragem, que, por si só, não basta.



“Para as pessoas que tenham os mesmos sonhos, os mesmos ideais que a gente, eu diria que não apostem somente na coragem, porque, exatamente, se nós erramos em algum aspecto, foi porque tínhamos muita coragem. E essa coragem, na realidade, não bastou. Nós precisaríamos de conhecimento, nós teríamos que ter passado por uma formação. É parte do conhecimento é saber quem são as pessoas da organização. No meio de vinte, você encontra um que tem o mesmo idealismo. Aí já tem um outro que tem aquele sonho capitalista... Você quer começar? Aumente a sua família, comece sua própria associação. É uma família que você criou e educou do seu jeito... E, mesmo assim, os ideais não são iguais, são um pouquinho diferentes. Agora imagine que nós, como diretores, temos que comandar gente como todo esse pessoal que está aqui: tem gente de todas as partes do Brasil, cada um com seu jeito... E ter que reeducar esse pessoal num só objetivo! Na maioria das vezes, não é fácil. Então, quem quer começar, comece. É muito bom. Porque, se aprendemos alguma coisa, foi por termos enfrentado as dificuldades. Somos um pessoal insistente, não desistimos fácil, não!” (Roque)







## *Associações filiadas e que participaram da sistematização:*

APRUPAM, da linha 172 norte; APRURJ, da linha 196 sul; ATRAM, da linha 156 norte; APRUFIM da linha 164 norte; AFAR, da linha 180 sul; APRUCCAM, da linha 180, município de Santa Luzia; ASPUAM, linha 172 sul; e Grupo Conjunto do Povo, da linha 192 norte.

## *Pessoas que deram depoimentos nas reuniões de sistematização:*

Ademir Soffa, Altair, Antonio Vieira, Cirlene, Ermes, Erminio, Francisco de Alcântara, Francisco, Gelson, Gesiane, Itamar, Jair Antônio, João Marcelino Martins, José de Assis, José Bratiliari, José Ferreira, José Luis, José Nicolau, Lino, Luciana, Lucimar, Lurdes, Manoel, Maria, Maria Cristina de Mattos Garcia, Marta de Matos Chimisnk, Ormerinda, Osmar, Otelino, Paulo, Paulo da Silva, Roque, Silvana, Tatiana, Toninho, Tunico, Vanderlúcia, Vantuil Espanhol

## *Pessoas que participaram e deram depoimentos na reunião de sistematização de outubro de 2005:*

Adelício, Airton, Antônio, Aparecido, Augusto, Benvindo, Claudemir, Elza, Geraldino, Ivânia, Jair, Jesiane, José, José Assis, José Luis, José Nicolau, Lúcia, Marcos, Maria de Lurdes, Neurivânia, Paulo, Roque, Valquíria, Valdir.









**APRURAM - Associação dos  
Produtores Rurais Rolimourense  
para Ajuda Mútua**

Av. 25 de Agosto, N° 7407,  
Cidade Alta, Rolim de Moura/RO  
CEP: 78987-000

Telefone/fax: (69) 442-5152 ou  
Telefone: (69) 442-6379

Contato:  
[apruram@nettravelrm.com.br](mailto:apruram@nettravelrm.com.br)

**PDA - Projetos Demonstrativos**

W3 Sul, Qd. 514, Bl. B, Lj. 69,  
2° andar, s/ 203  
Brasília - DF  
CEP: 70380-515

Telefone: 61 4009-9265  
Fax: 61 4009-9271  
[www.mma.gov.br](http://www.mma.gov.br)



Ministério do  
Meio Ambiente



Apoio:

